

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

VANESSA BIAZIOLI SIQUEIRA

O resgate da tradição do chá preto e a relação com o Turismo:
o caso da família Shimada

SÃO PAULO
2023

VANESSA BIAZIOLI SIQUEIRA

O resgate da tradição do chá preto e a relação com o Turismo:
o caso da família Shimada

Monografia apresentada à banca de TCC da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo, sob a orientação da Profª Drª Debora Cordeiro Braga.

SÃO PAULO

2023

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Siqueira, Vanessa Biazioli

O resgate da tradição do chá preto e a relação com o Turismo: o caso da família Shimada / Vanessa Biazioli Siqueira; orientadora, Débora Cordeiro Braga. - São Paulo, 2023.

74 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Comunicações e Artes / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. o regate do chá em Registro. I. Cordeiro Braga,
Débora. II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Vanessa Biazioli Siqueira

O resgate da tradição do chá preto e a relação com o Turismo:
o caso da família Shimada

Monografia apresentada à banca de TCC da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo, sob a orientação da Profª Drª Debora Cordeiro Braga.

Data da aprovação:

15/12/ 2023

Banca Examinadora:

Prof. Título. Nome, Faculdade

Prof. Título. Nome, Faculdade

Prof. Título. Nome, Faculdade

RESUMO

Este estudo visa explorar a relação entre a tradição do chá preto, representada pela família Shimada, e o turismo na cidade de Registro, São Paulo. A partir da contextualização histórica e da produção rural do chá, analisa-se sua influência no desenvolvimento do turismo local considerando as ações de resgate da tradição deste cultivo na região. Os procedimentos metodológicos envolveram visitas técnicas quando se aplicou a observação participante, entrevistas com representantes da família que detém conhecimentos sobre modos de fazer aprendidos com seus ancestrais, entre outubro e novembro de 2019. No trabalho de gabinete, que ocorreu nos anos de 2022 e 2023, realizou-se levantamento bibliográfico sobre a região do Vale do Ribeira, a cidade de Registro, imigração japonesa, história oral, memória, turismo rural de experiência, propriedade rural e desenvolvimento regional. Os principais resultados evidenciam a integração bem-sucedida da tradição do chá preto ao turismo rural, oferecendo experiências autênticas aos visitantes e enriquecendo o patrimônio cultural do Vale do Ribeira. Esta pesquisa ressalta a importância da preservação do patrimônio cultural e da memória na promoção das tradições para as futuras gerações.

Palavras-chave: Chá preto. Turismo rural. Imigração japonesa. Vale do Ribeira. História oral.

ABSTRACT

This study aims to explore the relationship between the blech tea tradition, represented by the Shimada family, and tourism in the city of Registro, São Paulo. Based on the historical contextualization and rural production of tea, its influence on the development of local tourism is analyzed considering the actions to rescue the tradition of this tillage in the region. The methodological procedures involved technical visits when the technique of participant observation was applied, as well as the technique of interviews with representatives of the family who have knowledge about ways of doing things learned from their ancestors, between October and November 2019. In the office work, which took place between 2022 and 2023, a bibliographical survey was carried out on Vale do Ribeira region, the city of Registro, Japanese immigration, oral history, memory, rural experience tourism, rural property and regional development. The main results highlight the successful integration of the black tea tradition into rural tourism, offering authentic experiences to visitors and enriching the cultural heritage of Vale do Ribeira region. This research highlights the importance of preserving cultural heritage and memory in promoting traditions for the future generations.

Keywords: Black tea. Rural tourism. Japanese immigration. Vale do Ribeira. Oral history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Colheita no chazal do Sítio Shimada.....	Pág. 14
Figura 2 - Loja do Sítio Shimada.....	Pág. 15
Figura 3 - Loja do Sítio Shimada.....	Pág. 16
Figura 4 - Loja do Sítio Shimada.....	Pág. 16
Figura 5 - Território do Vale do Ribeira.....	Pág. 19
Figura 6 - Localização e acesso ao Vale do Ribeira.....	Pág. 20
Figura 7 - Cidade de Registro na década de 50.....	Pág. 22
Figura 8 - Edificação do Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK).....	Pág. 27
Figura 9 - Mapa de Registro enquanto Colônia Japonesa (sem data).....	Pág. 28
Figura 10 - Placa em frente ao jardim das primeiras mudas de chá.....	Pág. 30
Figura 11 - Certidão de Registro de Kikuno Sugano.....	Pág. 36
Figura 12 - Foto da família reunida em 1948.....	Pág. 37
Figura 13 - Fotografia de Elizabeth Umeko Shimada no chazal.....	Pág. 40
Figura 14 - Chazal do Sítio Shimada.....	Pág. 47
Figura 15 - Colheita no chazal do Sítio Shimada.....	Pág. 46
Figura 16 - Colheita no chazal do Sítio Shimada.....	Pág. 46

Figura 17 - Esteira de secagem da <i>Camellia sinensis assamica</i> no Sítio Shimada.....	Pág. 50
Figura 18 - Teresinha Shimada na esteira de secagem da <i>Camellia sinensis assamica</i> no Sítio Shimada.....	Pág. 50
Figura 19 - Teresinha Shimada utilizando a máquina do tipo <i>junenki</i> , no Sítio Shimada.....	Pág. 51
Figura 20 - Obaatian com Ivone Shiratori (sobrinha) com a máquina do tipo <i>junenki</i> , no Sítio Shimada.....	Pág. 51
Figura 21 - Forno/Estufa no processamento da <i>Camellia sinensis assamica</i> no Sítio Shimada.....	Pág. 52
Figura 22 - Placa explicativa sobre o funcionamento do Forno/Estufa no Sítio Shimada.....	Pág. 52
Figura 23 - Teresinha Shimada embalando o chá no Sítio Shimada.....	Pág. 53
Figura 24 - Chá preto de tonalidade âmbar servido no Sítio Shimada.....	Pág. 53
Figura 25 - Teresinha e Elizabeth no chazal da Família Shimada.....	Pág. 54
Figura 26 - Alameda de Pés de Lichia, caminho que leva ao Chazal do Sítio Shimada.....	Pág. 55
Figura 27 - Teresinha, Kaito, Samira, Hisa e Leo.....	Pág. 56
Figura 28 - Localização e acesso dos sítios integrantes da Rota do Chá.....	Pág. 59
Figura 29 - Visitantes no Sítio Shimada na 4ª Edição da Rota do Chá (2019).....	Pág. 60

Figura 30 - Colheita no chazal do Sítio Yamamura.....	Pág. 62
Figura 31 - Kaito e Hisa, filhos de Samira Shimada (netos da Obaatian), na 4ª Edição da Rota do Chá (2019).....	Pág. 62
Figura 32 - Convite de divulgação do 65º Festival <i>Tooro Nagashi</i>	Pág. 65
Figura 33 - Inscrição do sobrenome da família da autora, para a lanterna, em visita ao Festival <i>Tooro Nagashi</i>	Pág. 65
Figura 34 - <i>Tooros</i> flutuando no Rio Ribeira de Iguape no Festival <i>Tooro Nagashi</i>	Pág. 66
Figura 35 - <i>Tooros</i> flutuando no Rio Ribeira de Iguape no Festival <i>Tooro Nagashi</i>	Pág. 66
Figura 36 - Estande do Sítio Shimada no Festival <i>Tooro Nagashi</i>	Pág. 67
Figura 37 - Estande do Sítio Shimada no Festival <i>Tooro Nagashi</i>	Pág. 67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO	19
2.1 Vale do Ribeira e a relevância da cidade de Registro na região	19
2.2 Imigração Japonesa no Brasil e para Registro	23
3 A HISTÓRIA ORAL E A FAMÍLIA SHIMADA	32
3.1 História Oral e Memória	32
3.2 História de vida da família Shimada	35
4 TURISMO E O CHAZAL	42
4.1 Turismo Rural de Experiência	42
4.2 Propriedade Rural e Desenvolvimento Regional	44
4.3 O resgate do Chazal	46
4.4 Rota do Chá, Festival <i>Tooro Nagashi</i> e o <i>Bunkyo</i>	59
4.5 O Chazal, a família Shimada e o Turismo	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se inicia sob a perspectiva de demonstrar a união da riqueza da cultura japonesa, considerando a arte do cultivo e fabricação do chá preto no Sítio Shimada, à formação de um produto turístico que possibilitou aos visitantes a vivência completa desse processo, desde a colheita das folhas até a degustação final.

O chá preto, derivado das folhas da *Camellia sinensis*, transcende sua natureza como mera bebida e se erige como um emblema da tradição milenar do Japão (Okakura, 2008). As famílias que migraram do Japão para o Vale do Ribeira encontraram nessa região não apenas uma moradia, mas também a oportunidade de preservar suas práticas culturais, incluindo o cultivo do chá. Para estes imigrantes, cada xícara de chá preto evoca séculos de práticas meticulosas e rituais.

Uma das contribuições mais significativas do turismo de experiência rural está relacionada à valorização do patrimônio cultural das regiões visitadas. Ao participar de atividades tradicionais, os turistas ajudam a preservar práticas culturais que, de outra forma, poderiam se perder com o tempo (Santos; Souza, 2006). Essa interação entre turistas e comunidades rurais fortalece o senso de pertencimento cultural e promove a transmissão das tradições de geração em geração.

Diante de uma crescente demanda por experiências autênticas e enriquecedoras por parte dos turistas, surge um desafio intrigante: como preservar a tradição japonesa do chá, conectá-la ao turismo e, ao mesmo tempo, criar um elo entre os visitantes e essa cultura? Este questionamento constitui o cerne desta pesquisa, que se propõe a explorar como o resgate da tradição do chá preto na cidade de Registro, SP, pode não apenas enriquecer a herança cultural da região, mas também fomentar o turismo no local, impulsionando o desenvolvimento econômico e fortalecendo os laços comunitários.

O primeiro contato com o Sítio Shimada aconteceu em 2017, através de uma reportagem no programa Globo Rural da TV Globo. A história de Elizabeth Umeko Shimada, uma idosa que resgatou o chazal da família, instigou a autora a pesquisar mais sobre o assunto na internet. Depois disso, a autora teve contato pessoalmente

com alguns membros da família, em um estande do Sítio no Festival Gastronômico Feira Sabor Nacional, no Museu da Casa Brasileira, onde estavam vendendo chá. Em conversa com os membros da família no Festival, a autora mostrou interesse em fazer o Trabalho de Conclusão de Curso de Turismo sobre a história do resgate do chazal, relacionando Memória, História e Turismo, e obteve apoio entusiástico dos familiares.

Após alguns meses, a autora tomou conhecimento, por meio de uma divulgação, que a família retornaria à cidade de São Paulo para participar da Festa das Nações, no Museu da Imigração. Durante a visita ao evento, foi possível ter contato com Teresinha (filha de Elizabeth), Leo (genro) e Samira (neta), onde sinalizou o desejo de fazer uma visita de campo e oficializou o início do desenvolvimento do trabalho.

Este trabalho se justifica pela necessidade de demonstrar que houve uma integração da tradição do cultivo e fabricação do chá preto japonês ao turismo rural, uma vez que passaram a ser oferecidas experiências reais aos visitantes, enriquecendo a herança cultural da região do Vale do Ribeira, e ao mesmo tempo perpetuando tradições e modos de fazer milenares. Além disso, o trabalho busca entender como essa preservação da tradição pode contribuir para o desenvolvimento econômico local e fortalecer os laços comunitários, tendo em vista a importância da memória e da história oral na transmissão dessas tradições culturais ao longo das gerações.

Além da relevância do tema como descrito acima, existe também a motivação pessoal da autora como historiadora, sua primeira formação acadêmica, em unir História e Turismo por meio da interdisciplinaridade.

O objetivo principal desta pesquisa é descrever a relação entre o resgate da tradição do chá preto, representada pela família Shimada, e o turismo na cidade de Registro. Para atingi-lo são propostos os seguintes objetivos específicos:

1. Contextualizar historicamente a produção rural da *Camellia sinensis* na cidade de Registro, SP, traçando suas raízes e evolução ao longo do tempo.

2. Descrever as principais características do turismo rural que vem se desenvolvendo impulsionado pela produção do chá preto nesta região.

Para tanto, os procedimentos metodológicos de coleta de dados adotados neste estudo envolveram visitas técnicas e entrevistas realizadas entre 26 a 29 de outubro e entre 2 e 3 de novembro de 2019. Também foi realizado levantamento bibliográfico para a compreensão da cultura japonesa, a produção de chá e a história da família Shimada na cidade de Registro. A pesquisa bibliográfica desempenhou uma função fundamental, fornecendo embasamento teórico e contextual para a análise dos dados coletados.

No sábado, 26 de outubro de 2019, foi efetuada uma excursão previamente agendada de um grupo de turistas ao sítio Shimada, a qual foi acompanhada pela autora da pesquisa. Durante essa visita, o grupo percorreu as instalações do sítio, incluindo o chazal, onde puderam conhecer o processo de cultivo e colheita das folhas de chá. Ademais, foram apresentados os procedimentos de produção do chá, abrangendo desde a secagem das folhas até a etapa de embalagem do produto.

Figura 1 - Colheita no chazal do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Após essa explanação, os visitantes, junto com a autora, tiveram a oportunidade de realizar compras na loja do sítio, que consistia em uma cabana simples. Nessa loja, estavam disponíveis produtos cultivados e produzidos no próprio sítio, tais como chás, mudas de plantas, bordados confeccionados por Elisabeth Umeko Shimada, também conhecida como *Obaatian*¹, e bolachas caseiras preparadas por Teresinha, filha de Elizabeth, além de produtos de parceiros como palmito pupunha e objetos feitos de juncos (esteira, chinelos, chapéu etc.).

Figura 2 - Loja do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

¹ “*Obaasan*” (おばあちゃん) significa “avó” em japonês, já “*obaatian/obaachan*” é uma versão carinhosa do substantivo, como “vovó” em português, segundo o Dicionário Básico Japonês-Português (Fundação Japão, 1989).

Figura 3 - Loja do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 4 - Loja do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Na sequência, os participantes desfrutaram de um almoço, que estava incluso na programação da visita. Durante a refeição, foram servidos chá preto gelado como refresco e pratos de comida caseira. Posteriormente, com a despedida dos excursionistas, a autora conduziu entrevistas com Teresinha e Samira, membros da família Shimada, para coletar informações pertinentes para a pesquisa.

Após as entrevistas, a autora prosseguiu com o passeio pelo sítio Shimada, onde lhe foi explicado o funcionamento do maquinário utilizado no processamento do chá. Também foi detalhado o processo pelo qual o chá passava, desde a colheita, sua produção até a fase de embalagem e comercialização.

Durante esse período, ocorreu um momento de interação com a senhora Elisabeth Umeko Shimada, a *Obaatian*, em que foi compartilhada a história da família e os detalhes do resgate do chazal. Vale ressaltar que a conversa com a *Obaatian* não teve gravação em áudio, pois a entrevistada não se sentiu à vontade, no entanto foram realizadas anotações para agregar contextualização aos itens mencionados durante a conversa.

Ao final do dia, a autora permaneceu hospedada no sítio Shimada, que oferece acomodações simples para visitantes que desejam pernoitar no local. Além disso, foram realizadas refeições nas instalações do sítio.

No domingo, 27 de outubro de 2019, a autora entrou em contato com os outros dois chazais que fazem parte da Rota do Chá e realizou visitas aos diferentes sítios, Amaya e Yamamura. No primeiro, foi possível observar que o processamento do chá é totalmente mecânico, enquanto no segundo o plantio é agroflorestal e o processo de colheita é semelhante ao Shimada, no entanto o produto final é o chá verde e não preto, ou seja, é um produto menos processado.

Na segunda-feira, 28 de outubro de 2019, a autora realizou uma visita ao Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social), onde realizou uma entrevista com Rubens Takeshi Shimizu, representante da instituição, que forneceu informações contextuais relevantes relacionadas à história da região, estabelecendo conexões com o chazal.

Na terça-feira, 29 de outubro de 2019, último dia de visita, a autora teve a oportunidade de dialogar com Carlos Júnior, secretário de Turismo, com o intuito de obter informações adicionais.

A pesquisa prosseguiu com uma nova visita em 2 de novembro de 2019, quando a autora participou do Festival *Tooro Nagashi*. Hospedou-se novamente no sítio Shimada, que também comercializa chá no Festival.

No dia seguinte, 3 de novembro de 2019, retornou ao Festival *Tooro Nagashi* para fins de observação e coleta de dados complementares. Essas ações e visitas foram parte integrante dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo, visando à obtenção de informações para a pesquisa sobre a cultura japonesa e a produção de chá na região estudada.

No ano de 2022, iniciou-se a pesquisa bibliográfica definindo como temas centrais deste trabalho o contexto histórico e geográfico do Vale do Ribeira e da cidade de Registro, imigração japonesa, história oral e memória, turismo rural de experiência, propriedade rural e desenvolvimento regional.

A estrutura desta monografia compreende fundamentalmente três capítulos: O primeiro capítulo estabelece o contexto histórico e geográfico da região, aprofundando-se na imigração japonesa e no compromisso desempenhado por essa comunidade na preservação das tradições culturais, incluindo o cultivo do chá. O segundo capítulo explora a importância da história oral e da memória, com destaque para a família Shimada e suas experiências ao longo das décadas, oferecendo *insights* valiosos sobre a preservação da tradição. O terceiro capítulo concentra-se no turismo rural, na produção de chá e no resgate das tradições na contemporaneidade, incluindo a importância do Festival Tooro Nagashi. Esta seção examina como o chá preto se tornou um ativo significativo para o turismo na região do Vale do Ribeira.

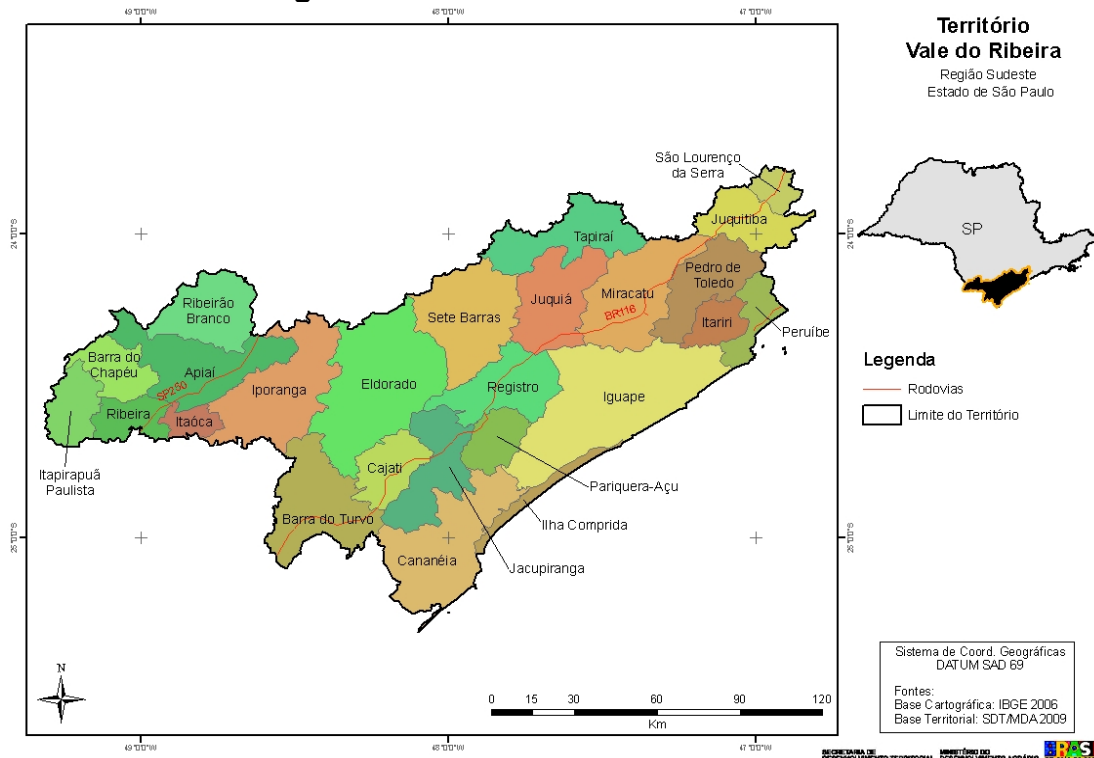
2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Neste capítulo será abordada a relevância do Vale do Ribeira e da cidade de Registro na região, explorando a vasta extensão territorial, a diversidade geográfica e a riqueza cultural. Depois, informações sobre a imigração japonesa no Brasil e em Registro, destacando sua influência na economia e cultura locais, assim como o contexto histórico no Japão que impulsionou essa migração.

2.1 Vale do Ribeira e a relevância da cidade de Registro na região

O Vale do Ribeira, localizado no Estado de São Paulo, ocupa uma vasta extensão territorial de 1.711.533 hectares (Diegues, 2007), compreendendo 23 municípios: Apiaí, Barra do Chapéu, Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Ilha Comprida, Iporanga, Itaóca, Itapirapuã Paulista, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Juquitiba, Miracatu, Pariquera-Açú, Pedro de Toledo, Registro, Ribeira, São Lourenço da Serra, Sete Barras e Tapiraí (Diegues, 2007).

Figura 5 - Território do Vale do Ribeira

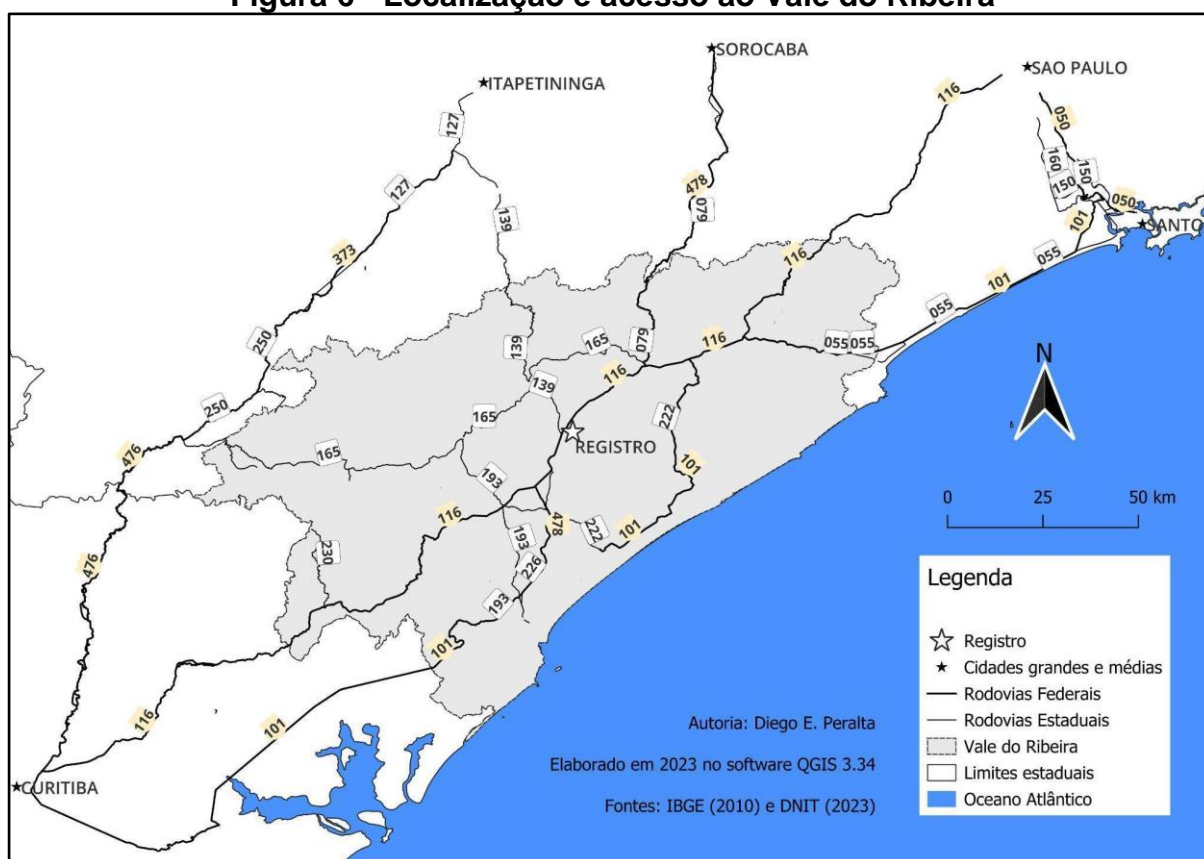


Fonte: Silva Jr. (2016).

A Região Administrativa do Vale do Ribeira, na porção mais ao sul do Estado de São Paulo, é cortada por algumas rodovias federais e estaduais, que são responsáveis por conectar os 15 municípios integrantes da região, bem como ligar a região com os principais pólos geradores de demanda do entorno: São Paulo, Santos, Sorocaba e Itapetininga, no mesmo Estado e Curitiba, no Estado do Paraná.

No geral, as principais vias de acesso são asfaltadas, porém poucas são duplicadas. Devido ao relevo acidentado da Serra do Mar, as rodovias no Vale do Ribeira possuem muitas curvas e frequentemente apresentam neblina e garoa. A sua localização entre duas grandes capitais (São Paulo e Curitiba) faz com que seja rota prioritária de transporte de carga rumo ao Sul do Brasil. Esses fatores, em conjunto, podem representar riscos aos turistas, exigindo cautela e preparação para a viagem.

Figura 6 - Localização e acesso ao Vale do Ribeira



Fonte: Peralta (2023).

As principais formas para acessar o município-sede da região, Registro, são:

- De São Paulo/SP: Rodovia Régis Bittencourt (BR-116);
- De Santos/SP: Rodovia Rio-Santos (BR-101), compartilhada com a Rodovia Padre Manuel da Nóbrega (SP-055);
- De Sorocaba/SP: Rodovia BR-478, compartilhada com a Rodovia Tenente Celestino Américo (SP-079);
- De Itapetininga/SP: Primeiro pela Rodovia Francisco da Silva Pontes (SP-127) e, em seguida, pela Rodovia SP-139, conhecida em seus vários trechos sob as denominações “Santiago França”, “Nequinho Fogaça” e “Empei Hiraide”;
- De Curitiba/PR: Rodovia Régis Bittencourt (BR-116).

O cenário geográfico do Vale do Ribeira é notável por sua diversidade. A região do Alto Ribeira se destaca pela presença da imponente Serra do Mar, criando uma paisagem montanhosa coberta por densas florestas. O Rio Ribeira serpenteia por entre as montanhas e corta municípios como Iporanga, Apiaí, Ribeira e Itaóca estabelecendo-se às margens desse rio, desempenhando uma missão indiscutível na configuração geográfica e ambiental da região (Diegues, 2007).

O Vale do Ribeira é também uma região rica em diversidade cultural. Abriga povos indígenas, como os Guaranis, comunidades caiçaras, diversos núcleos quilombolas, remanescentes da mão de obra escravizada usada nas monoculturas e na mineração, bem como comunidades caipiras, principalmente nas áreas do Médio e Alto Ribeira (Diegues, 2007).

Além desses grupos, o Vale do Ribeira recebeu mais tarde a imigração de europeus, como suíços, franceses, alemães e italianos, bem como norte-americanos e japoneses (IPHAN, 2010). Vale destacar que até meados do século XIX, o município de Iguape era um dos maiores da Província de São Paulo em extensão, sendo desmembrado em vários outros municípios posteriormente (Diegues, 2007).

A história do Vale do Ribeira está intrinsecamente ligada à Mata Atlântica, uma das florestas tropicais mais ameaçadas do planeta. A Mata Atlântica é uma das maiores riquezas da região, com sua preservação sendo fundamental para a

manutenção da biodiversidade. Atualmente, restam apenas 9% da Mata Atlântica no Brasil, dos quais 5% estão localizados no Estado de São Paulo, sobretudo na Região do Vale do Ribeira e no Complexo Estuário-Lagamar de Iguape e Cananéia (França, 2005).

O Vale do Ribeira tem suas raízes históricas na ocupação do território brasileiro. No período colonial e imperial, a exploração da região se dava principalmente pelo Rio Ribeira de Iguape. Os colonizadores e bandeirantes buscavam minerais preciosos e, simultaneamente, catequizavam índios para utilizá-los como mão de obra escrava. Posteriormente, a região passou a ser ocupada para moradia e agricultura, com cultivos iniciais de café e arroz. A presença dos imigrantes japoneses introduziu o cultivo do chá e da banana, que se tornaram importantes para a economia da região (França, 2005).

Figura 7 - Cidade de Registro na década de 1950



Fonte: Shiratori; Shiratori (2006).

Durante o período colonial brasileiro, o município de Registro era reconhecido como Porto Registro, devido à sua função decisiva como ponto de passagem obrigatória para o registro do ouro extraído em Eldorado e Sete Barras, sendo posteriormente simplificado para o termo "Registro". O município teve sua origem como um pequeno aglomerado à margem do Rio Ribeira de Iguape, durante o período

em que a extração de ouro no Alto Ribeira era uma atividade predominante. O transporte desse metal até o porto de Iguape implicava no registro prévio de todas as mercadorias por um agente português, visando a cobrança do dízimo destinado à Coroa Portuguesa (Shiratori; Shiratori, 2006).

Inicialmente subordinado à Iguape, o povoado experimentou um notável crescimento com a chegada dos primeiros colonizadores japoneses a partir de 1908, destacando-se como o principal produtor de arroz no Estado de São Paulo. Em conformidade com o decreto lei nº 14.334, datado de 30 de novembro de 1944, Registro alcançou sua autonomia e emancipação de Iguape, adquirindo o status de município em 1º de janeiro de 1945 (Shiratori; Shiratori, 2006).

Conhecido como a “Capital do Vale” ou “Capital do Chá”, este município tornou-se oficialmente o Marco da Colonização Japonesa no Estado de São Paulo, conforme Decreto Estadual nº 50.652, de 30 de março de 2006, por ter sido a primeira localidade a receber imigrantes japoneses interessados em investir em produção própria neste Estado. A cultura dos imigrantes japoneses passa a compor a Paisagem Cultural do Município, unindo-se e, em muitos aspectos, fundindo-se às culturas tradicionais dos Caiçaras, Quilombolas e Indígenas (Registro..., 2023).

As referências históricas e geográficas do Vale do Ribeira lançam um importante pano de fundo para a compreensão das mudanças e evoluções que ocorreram na região ao longo do tempo. Na próxima seção, o foco será na influência da imigração japonesa e na relevância da cultura do chá como elementos transformadores na história e na economia da região.

2.2 Imigração Japonesa no Brasil e para Registro

A imigração japonesa no Brasil é um evento histórico significativo que desempenhou um papel fundamental na história do país, particularmente na região do Vale do Ribeira. Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908, inicialmente com a intenção de trabalhar nas fazendas do interior de São Paulo sob

contratos de trabalho com prazo definido, geralmente de cinco anos, após os quais planejavam retornar ao Japão (Shimizu, 2013).

O marco inicial da imigração japonesa no Brasil foi caracterizado pela não intenção de fixar residência. No entanto, uma mudança nos planos ocorreu ao longo do tempo. Os imigrantes japoneses demonstraram uma notável adaptação e empreendedorismo, o que levou a uma transformação em suas perspectivas de permanência no Brasil (Shimizu, 2013).

A primeira grande colônia japonesa no Brasil, conhecida como Conjunto Iguape, abrangia as cidades de Registro, Sete Barras e a comunidade de Katsura. Nessa fase, os imigrantes japoneses se destacaram por seu espírito empreendedor, tornando-se proprietários de terras e demonstrando a intenção de se estabelecerem permanentemente no Brasil. A produção de arroz era o foco principal, e alguns imigrantes até buscavam a exportação desse produto (IPHAN, 2010).

As dificuldades iniciais de adaptação não foram diferentes dos imigrantes que planejavam retornar ao Japão. Barreiras linguísticas, diferenças culturais e climáticas foram desafios comuns que os japoneses enfrentaram. No entanto, essas barreiras foram gradualmente superadas, permitindo que os japoneses se integrassem com sucesso na sociedade brasileira (Shimizu, 2013).

A integração dos imigrantes japoneses com os habitantes locais deixou um impacto abrangente na sociedade. Os japoneses influenciaram diversos setores, desde a religião até o comércio, a agricultura, a cultura e a gastronomia. Essa miscigenação enriqueceu significativamente o cotidiano das cidades onde se estabeleceram (Shimizu, 2013).

Para entender o contexto histórico da imigração japonesa, é fundamental considerar o Japão na Era Meiji (1868-1912), um período de industrialização e modernização do país. No entanto, essa modernização coexistia com pesadas taxações sobre a terra e a produção agrícola, resultando em condições de vida precárias para a população. Diante dessas circunstâncias, muitos japoneses

buscaram oportunidades no exterior, incluindo o Brasil (Centro Supletivo de Registro, 2008).

A decisão do Brasil de abrir suas portas à imigração japonesa, na primeira década do século XX, esteve ligada a vários fatores. Por um lado, o governo japonês estava preocupado com o rápido crescimento demográfico de sua população e a necessidade de encontrar novos lugares para seus cidadãos. Por outro lado, o Brasil, naquele momento, desfrutava de uma estabilidade econômica relativa e havia políticas de embranquecimento do mercado de trabalho livre (Centro Supletivo de Registro, 2008).

Durante o século XIX, o Brasil já se preparava para o fim da escravidão e a transição para o trabalho livre. A política migratória foi adotada para suprir a necessidade de mão de obra na cafeicultura, em paralelo ao declínio da escravidão. Esse movimento não foi casual, mas sim parte de um processo que excluía gradualmente os afrodescendentes do mercado de trabalho, promovendo a entrada de imigrantes brancos, principalmente europeus. Essas leis, originadas da elite, visavam não apenas eliminar a escravidão, mas também apagar suas marcas, especialmente a presença negra (Gebara, 1986).

Essas políticas migratórias também pavimentaram o caminho para a imigração japonesa no Brasil. Enquanto as leis discriminatórias marginalizavam os afrodescendentes, criava-se um ambiente favorável para a vinda de imigrantes de diferentes origens étnicas. A imigração japonesa em particular foi fomentada pelas políticas brasileiras que buscavam atrair trabalhadores para suprir demandas específicas, como a agricultura e a indústria.

A abolição e a transição para o trabalho livre foram estratégias políticas conectadas, parte de uma preocupação mais ampla das elites em controlar o mercado de trabalho. O objetivo era garantir uma transição gradual, sem interrupções no sistema produtivo, ao mesmo tempo em que excluía os negros dos postos de trabalho em favor dos brancos. As leis provinciais, especialmente em São Paulo, exerceram um papel imperativo nesse processo, impulsionando a imigração subsidiada para suprir a demanda por mão de obra (Gebara, 1986).

Nesse contexto, a formação do Conjunto Iguape, que incluía os núcleos de Registro, Sete Barras e Katsura, foi um marco determinante na imigração japonesa no Brasil. O governo de São Paulo doou terras a essas colônias, promovendo o estabelecimento dos japoneses no país. No entanto, vale ressaltar que essa doação de terras não foi desinteressada, mas fazia parte de uma estratégia de desenvolvimento e embranquecimento da região. A doação de terras pelo governo paulista foi feita em parceria com a Brasil Takushoku Kabushiki Kaisha (BTKK), uma empresa de colonização (Centro Supletivo de Registro, 2008).

Em 1912, o governo paulista doou terras de propriedade do Estado, sem ônus, ao Sindicato Tóquio, que repassou aos japoneses dispostos a emigrar de seu país e a radicar-se definitivamente no Brasil. Em 1913, foi constituída a empresa de colonização Brasil Takushoku Kabushiki Kaisha (BTKK), que sucedeu o Sindicato Tóquio neste contrato de colonização (IPHAN, 2010).

Os primeiros colonizadores japoneses (30 famílias) chegaram ao povoado da Colônia de Iguape em novembro de 1913. Após fundar a Colônia, a BTKK sofreu fusão com a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK, ou Companhia Ultramarina de Desenvolvimento Sociedade Anônima). Essas instituições ocuparam um papel fundamental na organização e desenvolvimento das colônias japonesas no Brasil (IPHAN, 2010).

Figura 8 - Edificação do Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK)

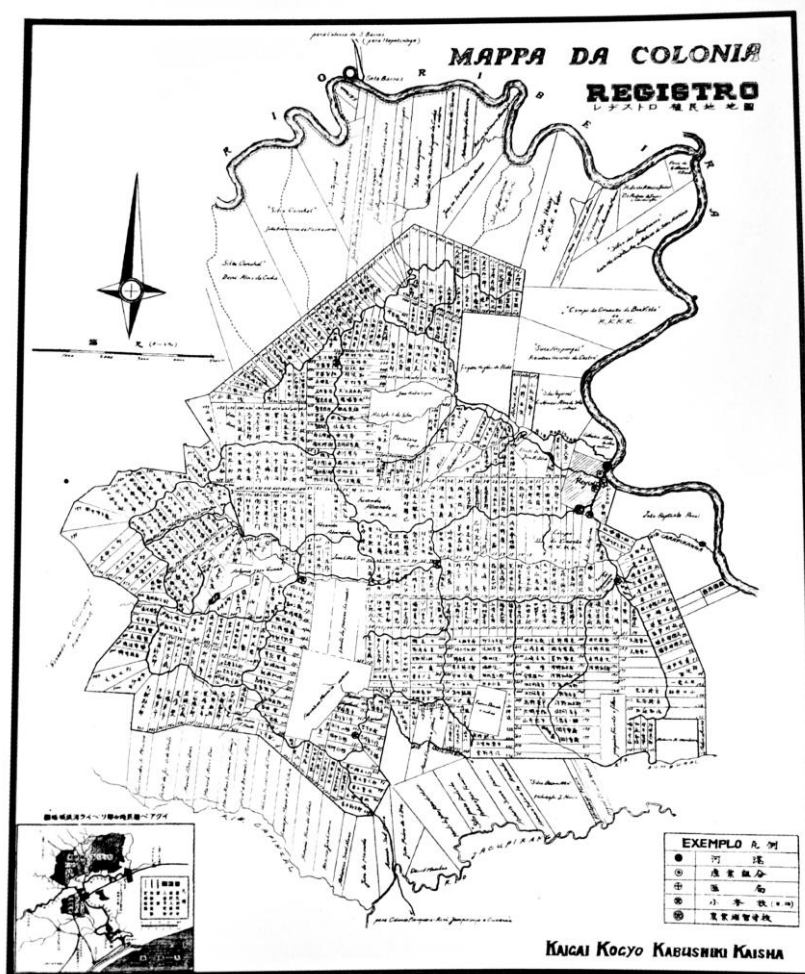


Fonte: ALESP (2023).

A KKKK montou uma serraria dentro da Colônia, o que possibilitou a construção da sede e de acomodações. A partir daí, a colonização japonesa trouxe grande desenvolvimento agrícola à região, além de outros serviços, como uma agência de correio, escola mista japonesa e brasileira, açougue, restaurante e pensão. No entanto, essa expansão trouxe desafios e transformações à região, inclusive na economia (Centro Supletivo de Registro, 2008).

No início da colonização da região, os três núcleos - Registro, Sete Barras e Katsura - receberam uma só denominação, Núcleo do Iguape, uma vez que as três localidades situavam-se dentro dos limites do município de Iguape (IPHAN, 2010).

Figura 9 - Mapa de Registro enquanto Colônia Japonesa (sem data)



Fonte: Shimizu (2013).

As técnicas agrícolas empregadas pelos imigrantes japoneses eram baseadas em tradições que remontavam aos tempos em que viviam sob o regime feudal no Japão. Muitos imigrantes já possuíam experiência na agricultura, o que era um requisito importante estabelecido pelo governo paulista para a imigração. A principal cultura inicialmente enfatizada era o arroz, mas os japoneses também se envolveram na produção de café e bicho-da-seda. Outras culturas, como cana, milho e mandioca, eram cultivadas principalmente para consumo próprio (IPHAN, 2010).

O Partido Republicano Paulista, composto principalmente por grandes cafeicultores, era o partido majoritário de sustentação do governo paulista na época da colonização. Os grandes cafeicultores estavam preocupados com o problema da mão de obra em suas fazendas. Para resolver esse problema, o governo paulista criou o Núcleo de Colonização Estadual, que permitia que os trabalhadores buscassem autonomia como produtores independentes após completarem contratos de trabalho

com fazendeiros. No entanto, o governo não tinha interesse em criar concorrência direta com as fazendas cafeeiras existentes (Centro Supletivo de Registro, 2008).

Nesse cenário, a rizicultura se destacou como objetivo inicial da Companhia responsável pela imigração, devido ao potencial das vastas terras alagadas do Rio Ribeira de Iguape. No entanto, o declínio dos preços do arroz e as técnicas rudimentares de cultivo, combinados com o auge da produção de café em outras regiões de São Paulo, desestimularam o interesse pela produção de arroz no Vale do Ribeira (Centro Supletivo de Registro, 2008).

Em 1929, a crise econômica global afetou a produção de café, causando uma diminuição na área plantada e na produção. Os japoneses, então, buscaram outras culturas. O cultivo da banana ganhou destaque e ainda persiste na atualidade, com Sete Barras sendo um dos municípios líderes na produção de banana.

O cultivo do chá preto no Brasil teve início em 1935 quando Torazo Okamoto introduziu a variedade Assam, de origem indiana, por meio de sementes obtidas em uma viagem pelo Sri Lanka. Essas sementes, escondidas em um pão durante o retorno ao país, germinaram e tornaram-se as matrizes das mudas que se difundiram na região (IPHAN, 2010).

O chá, adaptado às condições naturais da área, especialmente terrenos com pequena declividade e chuvas regulares, integrou-se à rotina dos imigrantes japoneses, sendo cultivado em fileiras dispostas inicialmente de alto a baixo nas colinas e posteriormente seguindo as curvas de nível. A constante poda das plantas resultou em uma cobertura densa que protege o solo, transformando Registro no principal produtor e exportador de chá preto do Brasil, respondendo por aproximadamente 99% do total exportado dessa variedade (IPHAN, 2010).

Figura 10 - Placa em frente ao jardim das primeiras mudas de chá



Fonte: Acácia (2019).

A produção de chá tornou-se uma parte significativa da economia local e trouxe consigo transformações nas práticas agrícolas e na sociedade. Os japoneses desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da indústria do chá na região. Eles começaram com técnicas rudimentares, mas ao longo do tempo, a produção de chá foi modernizada com o uso de maquinaria avançada. A expansão do cultivo de chá também estimulou a construção de fábricas de chá, impulsionando ainda mais a produção. O sucesso do chá, tanto no mercado interno quanto no mercado externo, trouxe desenvolvimento econômico para a região (IPHAN, 2010).

A década de 1950 testemunhou um aumento significativo na produção de chá, levando a um excesso de oferta no mercado interno e ao início das exportações. Esse período marcou o auge da teicultura no Vale do Ribeira, quando o chá preto era o principal produto cultivado na região. Houve a formação de muitas fábricas e um grande número de produtores de chá (Aoki, 2011).

No entanto, a economia baseada na teicultura começou a enfraquecer a partir da década de 1990. Isso se deveu a mudanças no cenário político e econômico global, competição externa, flutuações na moeda brasileira, o Real, e uma crescente pressão

sobre os pequenos agricultores. Esses fatores contribuíram para uma diminuição na produção de chá e uma mudança na economia local. Em 2008, o último censo agrícola registrou 167 unidades produtoras de chá no Vale do Ribeira, com 2.280 hectares cultivados, marcando uma redução significativa em relação aos anos anteriores (Aoki, 2011).

A influência significativa da colonização japonesa em Registro resultou no estabelecimento de um laço de Cidade-Irmã entre as cidades de Registro e de Nakatsugawa, no Japão. O interesse na celebração deste convênio foi iniciado pelo então prefeito de Nakatsugawa, Tamotsu Koike, com o objetivo de promover a integração entre os dois países por meio de acordos de cooperação (Bunkyo Registro, 2019). A assinatura do acordo ocorreu em agosto de 1980, após a aprovação da assembleia municipal de Nakatsugawa, e a visita do prefeito Koike e sua esposa a Registro, em junho do mesmo ano. Desde então, a relação entre as cidades se fortaleceu, com visitas periódicas de comitivas de ambas as partes para promover o intercâmbio cultural e estreitar os laços (Registro..., 2023).

Durante os 40 anos de convênio, Nakatsugawa contribuiu significativamente para Registro, doando recursos financeiros para instituições e por meio de iniciativas lideradas pelos Rotary Clubes das cidades irmãs. Além disso, em momentos de crises, como enchentes no Rio Ribeira de Iguape, a comunidade japonesa ofereceu suporte financeiro para mitigar as perdas materiais (Registro..., 2023). Nakatsugawa, localizada na Província de Gifu, a cerca de 200km de Tóquio, é conhecida por ser uma cidade ao longo da antiga Nakasendo, tendo o Monte Ena como seu símbolo principal. Reconhecida como a cidade do *kuri*, uma castanha japonesa, e famosa pelo *kurikinton*, um doce típico local, Nakatsugawa designou uma de suas principais ruas como Avenida Registro, fortalecendo ainda mais os laços entre as duas localidades (Bunkyo Registro, 2019).

Portanto, a imigração japonesa e a subsequente trajetória da cultura do chá no Vale do Ribeira não são apenas fatos isolados na história do Brasil. São partes integrantes da história da imigração, da diversidade cultural e do desenvolvimento econômico que moldaram a sociedade da região.

3 A HISTÓRIA ORAL E A FAMÍLIA SHIMADA

Este capítulo introduz o conceito de história oral e sua relevância para a pesquisa. Depois, explora a história de vida da família Shimada em suas várias etapas, destacando as experiências, desafios e conquistas ao longo do tempo. Também o desejo da família de resgatar e preservar suas memórias familiares como parte essencial de sua identidade e herança cultural.

3.1 História Oral e Memória

A História Oral é uma metodologia de pesquisa amplamente utilizada nas áreas da história, antropologia e sociologia, permitindo a coleta de narrativas de vida, depoimentos e testemunhos de indivíduos que vivenciaram eventos ou períodos históricos específicos. Essa abordagem se apoia na oralidade como uma ferramenta essencial para a reconstrução detalhada de eventos passados a partir de perspectivas individuais, fornecendo, assim, uma visão singular da experiência humana (Thompson, 2000).

Diversos teóricos contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da História Oral e da Memória, dentre eles Alessandro Portelli, Paul Thompson, Jacques Le Goff, Pierre Nora e Ecléa Bosi. Portelli (1997) destaca que as narrativas orais são "histórias de vida que se cruzam com a história", ressaltando que essas narrativas não são simples reflexos de eventos passados, mas, sim, interpretações subjetivas das experiências, influenciadas pelo contexto social e cultural dos entrevistados.

Thompson (2000) argumenta que a História Oral é uma maneira de "dar voz aos sem-voz". Ele enfatiza que as histórias de pessoas comuns frequentemente não encontram registro nos documentos históricos tradicionais. Portanto, a História Oral desempenha um compromisso inegável ao permitir a democratização da narrativa histórica, possibilitando que diferentes perspectivas e experiências sejam ouvidas e incorporadas ao panorama histórico.

Le Goff (1992) explora a relação entre memória e história, destacando o papel da memória na construção da identidade cultural e histórica. Ele argumenta que a memória é essencial para a compreensão da história, ressaltando que a sociedade contemporânea valoriza cada vez mais a preservação da memória como um ato de resgate do passado. A memória não é estática, mas uma construção dinâmica que molda a maneira como indivíduos e comunidades se relacionam com seu passado.

Nora (1993) descreve a memória como um campo no qual passado e presente se entrelaçam. Ele argumenta que a memória é uma construção ativa influenciada pelas experiências individuais e coletivas, bem como pela cultura e pela sociedade. A memória está em constante evolução e é moldada pela forma como as pessoas relembram e reinterpretam o passado.

Enquanto Le Goff (1992) observa que o estudo da tradição em uma sociedade oral revela que os especialistas dessa tradição podem inovar, enquanto a escrita pode assumir um caráter "mágico" que a torna mais ou menos intocável. Assim, a coexistência da oralidade e da escrita nas sociedades é muito importante para a história e a memória. Ambas possuem uma função essencial na compreensão do passado e na construção da identidade cultural.

Ecléa Bosi (1979) investiga as lembranças e as histórias de vida de idosos, demonstrando como a memória individual se entrelaça com os contextos sociais e culturais. Suas contribuições são fundamentais para a compreensão da relação entre memória e sociedade.

A História Oral e a Memória desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural e na preservação do conhecimento coletivo. Elas têm implicações não apenas no estudo do passado, mas também no presente e no futuro, permitindo que vozes que muitas vezes são negligenciadas na narrativa histórica tradicional sejam ouvidas e valorizadas.

Essas abordagens também desafiam a ideia de uma história objetiva e imparcial, destacando como as experiências individuais moldam as narrativas históricas. Isso nos lembra que a história não é um conjunto fixo de fatos, mas uma

interpretação em constante evolução do passado. Além disso, a relação entre memória e identidade é crucial. A memória ocupa uma atribuição central na forma como indivíduos e comunidades se relacionam com seu passado e constroem uma identidade cultural.

Não se trata de considerar tudo que se coleta como puro reflexo da verdade. A memória é um processo de seleção/descarte como aponta Bosi (1979), por esse motivo é necessário confrontar os depoimentos com outras fontes documentais.

No contexto do Turismo, a História Oral e a Memória também cumprem um papel significativo. O Turismo de Experiência, por exemplo, busca oferecer vivências enriquecedoras aos viajantes, promovendo sua imersão na cultura local e nas tradições regionais, alinhando-se com a perspectiva de Le Goff sobre a relevância da memória na construção da identidade cultural e histórica.

Ao engajar os visitantes em experiências autênticas e significativas, o turismo de experiência valoriza a cultura local, preserva e transmite as narrativas e os costumes das comunidades, contribuindo para enriquecer a experiência turística e fomentar o desenvolvimento sustentável das regiões visitadas.

Como evidenciado por Gama, Pugen, Saraiva e Oliveira (2023), a utilização de relatos orais revela histórias e tradições que podem ser validadas e integradas aos roteiros turísticos, promovendo uma conexão mais profunda entre os viajantes e a cultura local, incentivando assim um turismo mais autêntico e imersivo.

Para mais, como apontado por Bedim e Paula (2007), a história oral não apenas amplia a compreensão dos fenômenos socioculturais, mas também revela o Turismo como produto intrínseco das sociedades humanas. Através desses relatos, é possível perceber a interconexão entre a história, a identidade cultural e o desenvolvimento do turismo rural.

Ao trazer à tona narrativas esquecidas ou negligenciadas, os relatos orais não apenas enriquecem a experiência dos turistas, mas também fortalecem o senso de pertencimento das comunidades locais à sua própria história, possibilitando uma

preservação mais genuína das tradições e um desenvolvimento sustentável das regiões turísticas.

Em síntese, a História Oral e a Memória realiza um procedimento concedente na forma como entendemos o passado, construímos nossa identidade e moldamos nosso futuro. Elas destacam que a história é uma narrativa em constante evolução, influenciada pela subjetividade e pela cultura, com aplicações práticas em campos como o Turismo.

3.2 História de vida da família Shimada

A memória coletiva é um fio sutil que conecta gerações, entrelaçando o passado ao presente por meio de narrativas orais que transcendem o tempo. Nesse contexto, a história de vida da família Shimada emerge como um testemunho vivo da imigração japonesa no Brasil, um capítulo complexo que se desdobra ao longo das décadas. Trata-se de uma narrativa rica em desafios, superações e perseverança, revelando os intrincados caminhos trilhados por seus membros ao longo do tempo.

A história começa com a família Sugano, originária do Japão, que enfrentou as dificuldades de uma época turbulenta por volta de 1900. Impulsionada pelas promessas do governo japonês sobre uma vida abundante no Brasil, a família imigrou em 1913 com a esperança de prosperar em terras estrangeiras, estabelecendo os fundamentos para a trajetória subsequente dos Shimada (Shiratori; Shiratori, 2006).

Assim como muitas famílias japonesas da época, a família atendeu às exigências da imigração, enviando um filho, cumprindo assim os requisitos para o processo de aprovação. O casal inicial, composto por Katsumi Sugano e Kikuno Sugano, provenientes da província de Fukushima, embarcou nessa jornada com Shiguetika Sugano, sobrinho do casal ainda criança, representando um dos filhos, condição necessária para a viagem (Shiratori; Shiratori, 2006).

Em 1914, a família desembarcou do navio “*Wakassa-maru*” no porto de Santos e estabeleceu-se na região de Brodowski, próxima a Ribeirão Preto, SP, onde

dedicaram-se ao trabalho em uma fazenda de café. Os Sugano enfrentaram condições precárias na primeira fazenda em que se instalaram, optando por uma arriscada mudança para outra fazenda (Shiratori; Shiratori, 2006).

Figura 11 - Certidão de Registro de Kikuno Sugano

Nº 738.

POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SERVIÇO DE REGISTRO DE ESTRANGEIROS

IGUAPE

CERTIDÃO DO REGISTRO

CERTIFICO que o Sr. **KIKUNO SUGANO** de nacionalidade **japonesa**, natural de **Fukushima (Japão)**, nascido aos **10-10-1890** filho de **Ichimatsu Saito** e de **Naka Saito**, de estado civil **casado**, exercendo a profissão de **domestica**, casado com **Katsumi Sugano**, de nacionalidade **japonesa**, nascida aos **2-5-1895** em **Fukushima (Japão)** com **2** filhos menores de 18 anos, admitido no território nacional em caráter **permanente**, com permanência **definitiva**, nos termos do artigo **24 c/c 149**, do Decreto **3.010**, de **20/8/1938**, desembarcado em **27-4-1914**, no porto de **Santos**, da embarcação **"Wakaes Maru"**, cumpriu as exigências do artigo **149**, do Decreto **3.010**, de **20 de agosto de 1938**.

IGUAPE, XXXXXX 13 de Dezembro de 1939

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Iguape, 13 de 12 de 1939

Delegado de Polícia

Fonte: Shiratori; Shiratori (2006).

Em 1918, os Sugano mudaram-se para Registro, graças ao movimento de colonização do Kaigai Koogyo Kabushiki Kaisha (KKKK), onde enfrentam a árdua tarefa de desbravar uma mata virgem. As condições de vida eram extremamente precárias, com falta de assistência médica e recursos básicos. A solidariedade entre os vizinhos tornou-se vital para enfrentar esses desafios (Shiratori; Shiratori, 2006).

A rotina da família era difícil, com todos os membros trabalhando na roça desde as primeiras horas da manhã até o anoitecer. As refeições eram simples, muitas vezes

constituídas apenas de arroz e sal, refletindo as limitações econômicas e alimentares da época. A educação das crianças, que frequentavam uma escola distante, também exigia esforços extraordinários (Shiratori; Shiratori, 2006).

Figura 12 - Foto da família reunida em 1948



Fonte: Shiratori; Shiratori (2006).

Os anos se sucederam com mudanças nas atividades econômicas da família, incluindo a plantação de cana de açúcar, produção de pinga, cultivo de café e criação de bicho da seda. Cada nova empreitada trazia consigo seus próprios desafios, ilustrando a adaptabilidade e resiliência da família diante das adversidades (Shiratori; Shiratori, 2006).

Na década de 1930, a família iniciou o plantio de chá com o auxílio dos filhos, chegando a industrializá-lo com o nome de “Chá Oriente”. No auge da produção, os brotos eram colhidos pela família e enviados para o beneficiamento em indústrias da região. Com a concorrência internacional, as fábricas de chá preto de Registro não resistiram e fecharam (Shiratori; Shiratori, 2006).

Tabela 1 - Árvore Genealógica

KATSUMI SUGANO & KIKUNO SUGANO	KIYOKO (casou-se com KOZO YOSHIDA)	TAKUSSUKE (casou-se com MEIRE)	<ul style="list-style-type: none"> • SAYURI • MIKIO • MARY (CARLOS) • MITIKO • VALQUIRIA 	<ul style="list-style-type: none"> • NAOMI • YUMI • MAYUMI • HIDEAKI
		PAULO (casou-se com TSUYAKO)	<ul style="list-style-type: none"> • TADASHI (SONIA) • YOSHIE • YUMI • MASARU (CRISTIANI) • AKEMI (STEFAN) • MIYUKI (KLEBER) 	
		KATSUKI (casou-se com NAZARÉ)	<ul style="list-style-type: none"> • KATSUMI (YUMIKO) • HALLY (DANIELE) • KAZUMI • CARLA (P. CESAR) • CÁSSIA (MONAZAN) 	<ul style="list-style-type: none"> • NAOMI • KELSY • SOFIA • SARAH • RAQUEL • GABRIEL • HUSSEIN
		FUMIO (casou-se com KAZUE)	<ul style="list-style-type: none"> • THAÍS • ELISABETE 	
		HIDEKI (casou-se com FERNANDA)	<ul style="list-style-type: none"> • ADONES • JONATAS • AKIRA • KIYOKO 	
		TOITI (casou-se com FÁTIMA)	<ul style="list-style-type: none"> • SATIE • AKIHITO 	
		SETSU (casou-se com ISSAO)	<ul style="list-style-type: none"> • TAMAMI • KOITI • TAITI 	
	MASAO (casou-se com SADAKO TORIGOE)	TERESINHA (casou-se com TETSUO)		
		ROBERTO (casou-se com DEISE)	<ul style="list-style-type: none"> • DENISE • DÉBORA (GERALDO) • DANIELA • DIANA 	
		ONDINA (casou-se com TAKANOBU)	<ul style="list-style-type: none"> • RUMI (AMAURO) • ANDREIA (RICARDO) • FÁBIO (TANIA) 	<ul style="list-style-type: none"> • CAROLINA • PEDRO • VINICIUS • MARINA
		IVONE (casou-se com SHIGEO)	<ul style="list-style-type: none"> • LUCY (RICARDO) • LENY • HAROLDO 	
		HUGO (casou-se com CARMEM)	<ul style="list-style-type: none"> • VANESSA • VIVIAN 	

		LILIA (casou-se com SEIJI)	• JOOJI • YUDI	
	TAKEO (casou-se com NOBUKO SAKURAI)	HIDEAKI (casou-se com VERA)	• FREDERICO • CAROLINA • FABRICIO	• INGRID • IGOR
		YOKO (casou-se com JORGE)	• VITOR • EMERSON • ALEXANDRE	
		MARIKO (casou-se com EDUARDO)	• FABIANA (FLÁVIO) • CRISTIANA • CÉSAR	
		YUKINORI (casou-se com AKEMI)	• MARCEL • DANIELA • RAFAEL	
	KIMIKO (casou-se com KEISSUKE AKAO)	LAURO (casou-se com YVANIR)	• FERNANDA • LAURO	
		RUI (casou-se com MARLEI)	• PATRÍCIA • RENATA • JOÃO	
	YOSHIKO (casou-se com TOYOKAZU KONDO)	EDUARDO (casou-se com EDNA)	• ALEXANDRE • LUCIANA • RICARDO • MÁRCIA	
		NEIDE (casou-se com MILTON)	• AKEMI • KAORI	
	<i>Elizabeth</i> UMEKO (casou-se com AKIRA SHIMADA)	SHIGUERU (casou-se com BERENICE)	• RODRIGO • MICHEL • TALES	• PAULO • LAURA • JOAQUIM • ENZO
		<i>Teresinha</i> EIKO (casou-se com <i>Leo</i> AURELINO)	• HELLISON (TATIANA) • LEANDRO (TOMI) • SAMIRA (WEBER)	• GUILHERME • KAITO • HISA
		MINORU (casou-se com LUMI)	• KELLY • TAMY	
		AIKO (casou-se com KAZUO)	• YUKI (ALICE) • TOMIKI • DAIKI (AKINA)	
		MAMORU (casou-se com GLAUCIA)	• NAOMI • ERIC	
		EMI (casou-se com NEWTON)	• KEI	

Fonte: Shiratori; Shiratori (2006), com revisão e atualização próprias.

A família Shimada no Brasil se forma quando Elizabeth Umeko Shimada, filha caçula dos Sugano, casou-se com Akira Shimada. Na árvore genealógica (Tabela 1), ela e seus descendentes aparecem em negrito.

Conhecida por todos como *Obaatian*, sempre trabalhou na lavoura e o chá está em sua vida desde a infância. Ela foi a responsável para que o chazal não fosse abandonado. Em 2014, aos 87 anos, inaugurou uma fábrica artesanal de chá preto, cultura de manejo orgânico e de agricultura familiar. Atualmente, o processamento do chá é supervisionado por Teresinha Shimada, filha da Obaatian (Shiratori; Shiratori, 2006).

Figura 13 - Fotografia de Elizabeth Umeko Shimada no chazal



Fonte: Sítio Shimada [201-?].

A tradição do chazal, preservada por Elizabeth Umeko Shimada, é um testemunho vivo da memória coletiva e da identidade cultural japonesa no contexto brasileiro. Essa continuidade cultural alinha-se às práticas ancestrais dos imigrantes japoneses, destacando a importância da história oral na transmissão de conhecimento e tradições.

Além de sua relevância na manutenção das práticas tradicionais, a família Shimada passou a destacar-se no cenário do turismo de experiência, especialmente

na Rota do Chá, pois passaram a abrir seu sítio para visitação, onde oferecem uma experiência única aos visitantes, proporcionando uma compreensão abrangente do processo de produção do chá. Esse tipo de turismo sustentável contribuiu para o desenvolvimento econômico da região e fortaleceu os laços entre os visitantes e a história do chazal.

Em conclusão, a trajetória da família Shimada revela-se como um valioso testemunho da experiência da imigração japonesa no Brasil. Ao longo das décadas, os membros da família enfrentaram desafios e adversidades, desde as condições precárias na primeira fazenda de café até a árdua tarefa de desbravar uma mata virgem durante a colonização. No entanto, a resiliência e adaptabilidade da família diante das mudanças nas atividades econômicas evidenciam não apenas uma sobrevivência notável, mas também uma capacidade de prosperar em meio às transformações.

Além disso, a transição da família para o plantio e industrialização do chá na década de 30 revela a busca contínua por oportunidades e a diversificação de atividades para garantir o sustento. A perseverança da matriarca Elizabeth Umeko Shimada, ao manter viva a tradição do cultivo de chá, mesmo diante das adversidades econômicas, destaca a importância da preservação das raízes culturais e da herança familiar. A reinauguração do plantio e da fábrica artesanal de chá não apenas simboliza a continuidade da tradição, mas também a passagem do legado para as gerações futuras, consolidando a contribuição significativa da família Shimada para a história da imigração japonesa no Brasil.

4 TURISMO E O CHAZAL

Este capítulo mergulha no conceito de turismo rural fornecendo uma base teórica para compreendê-lo. Também explora o resgate do chazal (plantação de chá) incluindo suas motivações e os produtos resultantes desse processo que engloba tanto o chá quanto o turismo. Depois, são abordadas informações sobre o Circuito da Rota do Chá, um elemento essencial na promoção do turismo rural na região, e discute o papel determinante do *Bunkyo* (Sociedade Cultural Nipo-Brasileira) nesse contexto. Por fim, destaca como o Festival *Tooro Nagashi* exerce uma função significativa na promoção da cultura japonesa e consequentemente do chá preto, contribuindo para a experiência turística.

4.1 Turismo Rural de Experiência

O Turismo Rural de Experiência, uma modalidade em ascensão, destaca-se por sua ênfase nas vivências verdadeiras em ambientes rurais, representando uma tendência global no setor do turismo. Conforme destacado por Almeida e Riedl (2000), essa abordagem procura proporcionar aos visitantes a oportunidade de interagir ativamente com as comunidades rurais, suas atividades cotidianas e suas culturas. A autenticidade das experiências oferecidas é a espinha dorsal desse modelo, como ressaltado por Araújo (2020), e é fundamental para conquistar a confiança dos turistas e promover a sustentabilidade a longo prazo.

A dimensão cultural realiza um papel preponderante no Turismo Rural de Experiência. Os turistas almejam uma imersão nas tradições, gastronomia e artesanato locais, como destacado por Beni (2001). Santos (2008) também enfatiza a importância da cultura local para o turismo rural, destacando que o respeito pela identidade cultural das comunidades é crucial. A participação em atividades, como festas típicas, danças tradicionais e oficinas de artesanato, é altamente valorizada, enriquecendo as experiências dos visitantes e contribuindo para a preservação da cultura local.

O contato junto à natureza é outra característica essencial do Turismo Rural de Experiência. A oportunidade de desfrutar de atividades ao ar livre, como trilhas, passeios a cavalo e observação de aves, é determinante para atrair turistas. Guimarães e Guimarães (2003) destacam que a natureza oferece um cenário espetacular para o desenvolvimento de experiências verdadeiras, promovendo um maior entendimento e respeito pelo meio ambiente.

A colaboração entre a comunidade local e os empreendedores do setor de turismo é de suma importância, como ressaltado por Estevés (2001). A participação ativa das comunidades rurais no processo garante que elas se beneficiem economicamente o que, inclusive, propicia que suas tradições sejam também respeitadas. A relação entre as comunidades locais e o turismo ajuda a fortalecer os laços com o ambiente rural e a promover o desenvolvimento local.

Para enfatizar ainda mais o debate sobre o Turismo Rural de Experiência é relevante observar a experiência do turista na atividade agrícola. Ferreira e Mota (2015) destacam que, em muitos casos, os visitantes têm a oportunidade de participar ativamente das atividades agrícolas, como o plantio, a colheita de frutas, a ordenha de animais, a produção de alimentos etc., proporcionando-lhes uma compreensão mais profunda e de respeito para com o trabalho rural.

Embora o Turismo Rural de Experiência tenha raízes na Europa é importante reconhecer sua disseminação global. Como destacam Freire e Madi (2016), países da América Latina, Ásia e África também estão desenvolvendo experiências rurais únicas para atrair turistas. A crescente globalização e a busca por experiências verdadeiras impulsionam essa tendência.

Contudo, seria primário abordar a questão de um ponto de vista onde viceja idealização da vida rural, como identificado por Solha (2019) e Tulik (2003). Muitos turistas urbanos tentam fugir da agitação das cidades em busca de uma vida rural idílica, influenciados pela visão romântica do campo promovida pela mídia e pela cultura popular. Essa idealização pode influenciar as expectativas dos turistas e, conseqüentemente, as experiências que buscam.

Para garantir a sustentabilidade de longo prazo para o Turismo Rural de Experiência é indispensável que as vivências correspondam à realidade das comunidades rurais. A insustentabilidade e os impactos negativos devem ser monitorados e mitigados, como destacado por Araújo (2020). Nesse contexto, políticas públicas estratégicas são fundamentais na promoção do desenvolvimento do Turismo Rural de forma sustentável.

No cenário brasileiro o turismo rural também tem sido alvo de estudos e iniciativas, como menciona Esteves (2001). O Sebrae-SP², por exemplo, tem participação considerável no desenvolvimento do turismo rural no Estado de São Paulo, apoiando empreendedores locais e promovendo experiências espontâneas.

Em síntese, a ênfase na autenticidade das vivências, a conexão com a cultura local, o contato próximo com a natureza e a colaboração com as comunidades rurais são os pilares dessa abordagem.

4.2 Propriedade Rural e Desenvolvimento Regional

O desenvolvimento regional tem como função primeira a promoção do crescimento econômico e social de áreas rurais e, por conseguinte, o turismo rural e de experiência emerge como um instrumento capaz de catalisar oportunidades únicas. Este capítulo tem como objetivo discutir o papel das propriedades rurais nesse processo, explorando a literatura acadêmica e suas contribuições para a compreensão desse tema.

No âmbito do turismo rural, Ribeiro e Vareiro (2007) enfatizam o espaço rural como um destino turístico potencialmente impactante para a diversificação econômica e o desenvolvimento das áreas rurais. O turismo rural, por sua vez, tem ganhado destaque como uma atividade capaz de criar oportunidades econômicas e sociais enquanto oferece experiências reais para os visitantes. As propriedades rurais

² Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - São Paulo.

exercem um papel central na oferta dessas experiências (Solha, 2019), incluindo a participação em atividades do cotidiano e o envolvimento com as tradições locais.

A relação entre turismo rural e desenvolvimento regional tem sido amplamente debatida, com autores como Corrêa e Mariani (2011) destacando o papel do turismo rural como um propulsor desse desenvolvimento. Eles apontam que essa atividade pode gerar empregos, estimular o empreendedorismo local e aprimorar a infraestrutura e os serviços nas áreas rurais. Além disso, contribui para a valorização das tradições locais e resgate da identidade cultural.

O Turismo no Espaço Rural (TER), como delineado por Corrêa e Mariani (2001), representa uma categoria significativa de turismo que permite aos visitantes desfrutar de práticas, valores, tradições e gastronomia nas comunidades. Essa modalidade vai além das atividades relacionadas à produção agropecuária, impulsionando diversas outras iniciativas de caráter econômico (Campanhola; Silva, 2002). A perspectiva do desenvolvimento rural, conforme posto por Mendonça (2006), realça o potencial do TER não apenas para diversificar a economia rural, mas também para revitalizar recursos, história, tradições e cultura regional.

Zimmermann (1996) destaca a abrangência do TER englobando aspectos como acomodação, alimentação, recreação, lazer e a recepção hoteleira baseada nas tradições locais. Essa terminologia abrange visitas às propriedades rurais e o interesse em explorar a natureza com diversos propósitos, contribuindo para o fortalecimento dos atrativos turísticos. O desenvolvimento do turismo rural é influenciado por diversos elementos interligados, como o espaço geográfico, demanda, oferta e operadores de mercado (Beni, 2007).

Além do mais, o turismo rural deve ser planejado com foco na sustentabilidade, considerando os indicadores como ferramentas essenciais (Araújo, 2020). Esses indicadores auxiliam na avaliação do impacto do turismo no desenvolvimento local e regional, garantindo que a atividade seja economicamente viável, mas, também esteja em conformidade com princípios sustentáveis.

A competição entre destinos turísticos é cada vez mais acentuada e depende da capacidade de criar atratividades e experiências únicas (Ashton; Tomazzoni; Emmendoerfer, 2014). Inovações, como roteiros temáticos e festas culturais, têm se tornado referências para a criação de novas iniciativas de regionalização e roteirização do turismo.

A gestão de eventos é um elemento crucial para impulsionar a criatividade no turismo e a governança democrática e participativa envolvendo setor público, iniciativa privada, comunidade local e visitantes, que desempenham também um papel indispensável no sucesso desses eventos e, por extensão, no desenvolvimento das localidades (Ashton; Tomazzoni; Emmendoerfer, 2014).

O turismo de base local, frequentemente associado a destinos de menor dimensão geográfica, é parte integrante do conceito de cidades criativas (Ashton; Tomazzoni; Emmendoerfer, 2014). A competitividade dos destinos turísticos está intrinsecamente ligada à capacidade de oferecer produtos e serviços turísticos integrados que atendam às demandas dos visitantes, ao mesmo tempo em que preservam os valores culturais e ambientais e promovem a qualidade de vida das comunidades locais.

Em suma, o turismo rural e de experiência possui uma missão essencial no desenvolvimento regional, utilizando os recursos únicos das áreas rurais para proporcionar oportunidades econômicas para as comunidades locais. A compreensão das complexidades do TER, suas interações com a demanda e a oferta, bem como seu impacto nos ambientes circundantes, é fundamental para o planejamento e o sucesso dessa atividade.

4.3 O resgate do Chazal

O resgate do chazal, que envolve o cultivo e produção do chá preto, é um processo de grande relevância especialmente no âmbito da família Shimada. Esse resgate é significativo tanto do ponto de vista histórico-cultural quanto para o turismo rural e a preservação da memória da imigração japonesa local e, de um certo ponto

de vista, nacional. É indispensável compreender como se trata o processamento do chá, as motivações por trás do esforço no resgate desse chazal e em específico seu impacto resultante.

Figura 14 - Chazal do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Durante a visita ao sítio foi possível acompanhar a colheita e processamento do chá produzido pela família Shimada; as plantas são cultivadas em uma altitude aproximada de 20 metros acima do nível do mar, correspondente à média do município de Registro. Utiliza-se um método de manejo orgânico, sendo os arbustos de chá periodicamente podados para manter a altura em torno de 1 metro. A variedade cultivada é a *Camellia sinensis assamica*, linhagem IAC-259, derivada do Sri Lanka, adaptada para cultivo na região.

Figura 15 - Colheita no chazal do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 16 - Colheita no chazal do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

O processo de produção do chá preto no Sítio Shimada é composto por etapas específicas. Inicia-se com a colheita manual seguindo o padrão *Orange Pekoe*, que consiste no broto juntamente com as duas primeiras folhas da planta. Em seguida, as folhas passam pelo processo de murchamento natural, em esteiras suspensas, que leva de 1 hora a 3 dias dependendo da umidade do ar, e na sequência são enroladas em máquinas do tipo *junenki*.

Após esse processo ocorre a oxidação das folhas por um período de 5 a 6 horas, seguida da secagem com calor proveniente da queima de lenha de lichia (especificamente na produção do Sítio Shimada) em um forno/estufa do tipo *dai itikansoki*. Posteriormente, o chá é armazenado lacrado por pelo menos 6 meses para aprimorar seu aroma. Após esse período é realizado um controle de qualidade, no qual são removidos eventuais talos, e as folhas quebradas ou moídas são separadas por peneira para a embalagem comercial.

As características do chá incluem folhas inteiras *Orange Pekoe*, sem a adição de aditivos, apresentando coloração bastante escura. O licor resultante possui uma tonalidade âmbar, com corpo, leve adstringência, ligeiro sabor adocicado e aromas que evocam mel, malte, além de um sabor frutado remanescente de damasco, pêssego e lichia.

O processo de preparo recomenda o aquecimento de um litro de água filtrada ou mineral a uma temperatura de 95°C. A infusão é feita utilizando-se de 1g a 2g de chá preto, permitindo um tempo de infusão entre 2 a 5 minutos. Após a infusão, o chá deve ser coado e está pronto para ser consumido. Ressalta-se que é possível obter um rendimento de 2 a 3 infusões do mesmo lote. O produto mantém sua validade por um período de até 3 anos e pode ser comprado pessoalmente (tanto no Sítio quanto em lojas da cidade) ou online (no site oficial do Sítio).

Figura 17 - Esteira de secagem da *Camellia sinensis assamica* no Sítio Shimada



Fonte: Sítio Shimada [201-?].

Figura 18 - Teresinha Shimada na esteira de secagem da *Camellia sinensis assamica* no Sítio Shimada



Fonte: Sítio Shimada [201-?].

Figura 19 - Teresinha Shimada utilizando a máquina do tipo *junenki*, no Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 20 - Obaatian com Ivone Shiratori (sobrinha) com a máquina do tipo *junenki*, no Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 21 - Forno/Estufa no processamento da *Camellia sinensis assamica* no Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 22 - Placa explicativa sobre o funcionamento do Forno/Estufa no Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 23 - Teresinha Shimada embalando o chá no Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 24 - Chá preto de tonalidade âmbar servido no Sítio Shimada



Fonte: Sítio Shimada [201-?].

A visita ao sítio Shimada evidenciou que o resgate do chazal passou por várias etapas importantes: uma pesquisa histórica foi necessária para compreender como o chá era cultivado e produzido pela família Shimada no passado. Essas informações foram consolidadas por meio da história oral, coletando depoimentos dos membros mais idosos da família e da comunidade local. A partir dessas memórias, foi possível resgatar práticas tradicionais de plantio e produção do chá, muitas das quais já haviam sido gradualmente perdidas ao longo dos anos.

Entre as memórias, as mais importantes vieram de Elizabeth Umeko Shimada, filha caçula de Katsumi e Kikuno Sugano, que casou-se com Akira Shimada e deu início à família Shimada. Ela foi a responsável pelo resgate do chazal em 2014, aos 87 anos, no sítio que pertencia aos seus pais - herdado parcialmente por ela em 1960, e que ainda abrigava uma parte da plantação de *Camellia sinensis*, cujos brotos eram comercializados para diversas fábricas. Ela trabalhou no chazal desde criança.

Em 1974, Elizabeth mudou-se para a Capital (São Paulo, SP) em busca de melhor educação para os filhos e adquiriu uma barraca em uma feira livre, mantendo-a por 5 anos. Posteriormente, cansada da vida de feirante, ela adquiriu uma ótica, onde seus filhos aprenderam o ofício. Simultaneamente, em parceria com seu marido Akira, começaram a produzir Moti (um bolinho japonês de arroz), que obteve grande sucesso.

Figura 25 - Teresinha e Elizabeth no chazal da Família Shimada



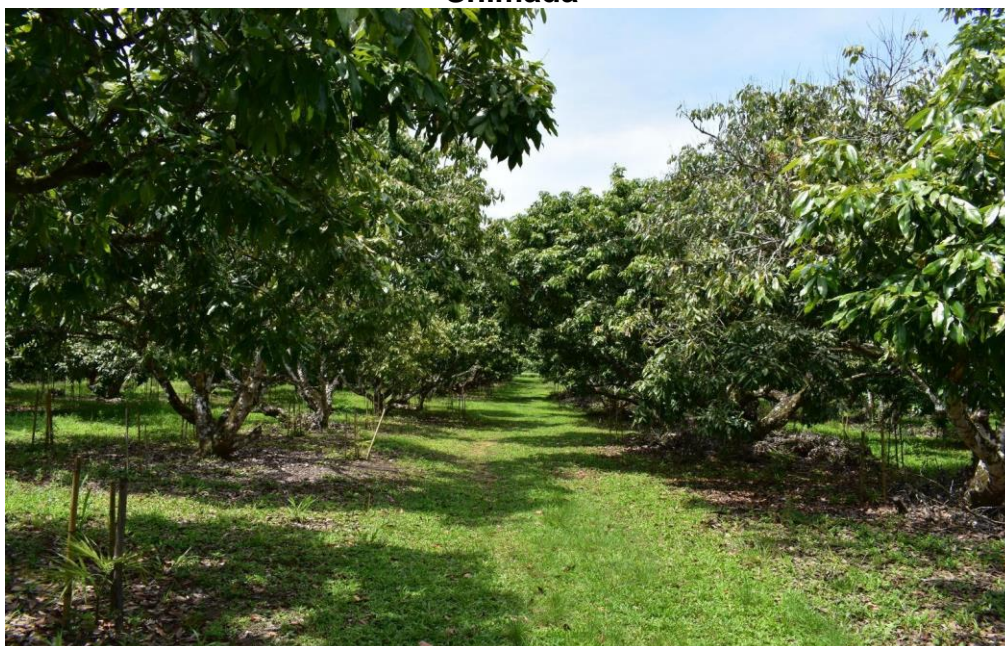
Fonte: Sítio Shimada [201-?].

Durante o período em que viveram na Capital, o casal arrendou o chazal e alugaram a casa. Mas após todos os seus empreendimentos serem encaminhados, Elizabeth sentiu que era hora de retornar às suas raízes, pois nasceu na cidade de Registro. Ao voltar à sua origem, retomou a colheita do chá e passou a vender os brotos para uma única fábrica sobrevivente na época.

Em 2011, os brotos passaram a ser recusados, porém, ela persistiu na necessidade de continuar, não permitindo o abandono da cultura do chá dos Shimada no Vale. Foi então que conheceu o Sr. Tomio Makiuti, que partilhava da mesma preocupação. Ele foi responsável pela restauração do maquinário antigo resgatado em um ferro velho da cidade, para que pudesse ser utilizado no Sítio.

Dessa união de esforços, surgiu a construção de uma fábrica artesanal inaugurada em 1º de novembro de 2014, quando Elizabeth tinha 87 anos. Ainda empreendedora, iniciou a fabricação de chá preto e, atualmente, também produz chá verde e branco. Além disso, enquanto morava em São Paulo, ela soube de uma fruta desconhecida na época, a Lichia, e foi a primeira a cultivá-la em Registro, inicialmente com 300 pés em 1990. Atualmente é reconhecida como a principal produtora de Lichia do Vale.

Figura 26 - Alameda de Pés de Lichia, caminho que leva ao Chazal do Sítio Shimada



Fonte: Acervo da autora (2019).

Atualmente, junto com sua filha Teresinha, seu genro Leo, sua neta Samira e seu neto Leandro, todos diretamente envolvidos na produção de chá do sítio Shimada e gerindo também a plantação de Lichia. Seus filhos Shiguer, Roberto, Bernadete, Wilson e Emi sempre colaboraram, juntamente com os funcionários, o que fez do Sítio uma empresa familiar consolidada.

Figura 27 - Teresinha, Kaito, Samira, Hisa e Leo



Fonte: Sítio Shimada [201-?].

As motivações que impulsionaram o resgate do chazal são diversas e profundas. Primeiramente, o chá preto ocupa um local de destaque na cultura japonesa, representando uma tradição ancestral intrinsecamente ligada à sua identidade (Okakura, 2008). Entrevistas realizadas com membros da família Shimada, como Elizabeth Umeko Shimada, Teresinha e Samira, revelaram que preservar essa tradição é uma forma de honrar seus ancestrais, suas raízes e manter viva a herança cultural japonesa no Brasil. O cultivo do chá preto teve um papel importantíssimo na subsistência da família e dos imigrantes japoneses que se estabeleceram no Vale do Ribeira, tornando-se um elemento essencial na história da imigração japonesa no Brasil (França, 2005).

A relevância do resgate do chazal vai além da preservação de uma tradição cultural. Durante a estada na região tornou-se evidente que o cultivo de chá está diretamente ligado ao turismo rural no Vale do Ribeira. Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que a Sra Elizabeth, *Obaatian*, foi pioneira e é uma figura central para o desenvolvimento do turismo rural em Registro. Com a revitalização do cultivo do chá pela família Shimada e sua abertura à visitação pública, isso se converteu em uma atração turística, proporcionando aos visitantes uma experiência autêntica e educativa. Esse tipo de turismo não apenas contribui para a economia local, mas também promoveu a cultura e a memória da comunidade *nikkei*³.

O chá preto, produzido com base nas técnicas tradicionais japonesas resgatadas, é um testemunho vivo da dedicação da família Shimada ao resgate de sua cultura. Ele representa não apenas uma bebida, mas uma conexão direta com a história dos imigrantes japoneses que se estabeleceram na região do Vale do Ribeira. Como afirma Kakuzo Okakura, em seu livro "*O Livro do Chá*" (2008), o chá é uma parte integrante da identidade japonesa, e seu cultivo e preparação são permeados de significado e simbolismo. O chá produzido pela família Shimada é um exemplo do vínculo entre tradição e inovação, enraizado nas técnicas centenárias, porém, adaptado ao contexto atual.

O resultado abrangente do resgate do chazal foi amplo e de extensa importância em várias esferas. Primeiramente, ele se traduziu na preservação e revitalização de uma tradição histórica valiosa. Não apenas resguardou as práticas ancestrais de cultivo e produção do chá preto da família Shimada, mas, também foi fundamental para a manutenção da identidade cultural japonesa em Registro.

Adicionalmente, no que diz respeito ao turismo rural, a produção de chá tornou-se uma atração por si só. Visitantes de diferentes partes do Brasil e do mundo têm a oportunidade de participar de todo o processo de cultivo e produção, desde a colheita das folhas até a preparação da bebida, vivenciando uma experiência ímpar (Escola de Chá Embahú, 2016). Esse tipo de turismo, baseado na cultura do chá e na história

³ *Nikkei* é uma denominação em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior.

da imigração japonesa, não apenas atrai turistas, mas também promove a preservação da memória histórica da região do Vale do Ribeira e impulsiona o desenvolvimento econômico local.

Sendo assim, o resgate do chazal culminou na valorização comercial do chá, em especial o produzido pela família Shimada, porém, de certo modo do chá como um todo para a região. Esse chá tornou-se um produto de destaque no mercado, atraindo não só apreciadores da bebida como aqueles interessados em vivências, em conhecer um pouco mais da cultura japonesa.

Como destacado por Alberti (2005), a preservação das manifestações culturais é uma estratégia essencial para a construção e manutenção da identidade de uma comunidade podendo, assim, impulsionar o desenvolvimento econômico local, conforme discutido por Beni (2001) no contexto do turismo sustentável. A relação entre o resgate do chazal, a produção de chá preto e o turismo rural no Vale do Ribeira constitui um paradigmático exemplo de como a preservação de uma tradição, de uma cultura pode se converter em um motor econômico poderoso. A sinergia entre a produção de chá e o turismo rural delineia uma experiência singular, enriquecedora para os visitantes, ao mesmo tempo em que assegura a perpetuação das tradições, não só para a família Shimada como para a comunidade *nikkei* local alinhando-se com os princípios do turismo rural sustentável e preservando a memória coletiva.

O compromisso da família Shimada com a preservação da cultura japonesa na Rota do Chá do Vale do Ribeira é evidente em seu papel como protagonista na manutenção das práticas ancestrais. Seu legado transcende a produção de chá, abraçando a história oral, o turismo de experiência, o desenvolvimento sustentável e a transmissão de conhecimento, proporcionando uma conexão profunda entre memória, cultura e turismo rural. O chá dos Shimada não é apenas uma bebida; é um testemunho duradouro da riqueza de uma cultura estrangeira no contexto brasileiro. Todos esses aspectos convergem para a manutenção da identidade cultural e memória coletiva no Vale do Ribeira, consolidando o legado histórico e cultural dos imigrantes japoneses no país.

4.4 Rota do Chá, Festival *Tooro Nagashi* e o *Bunkyo*

A Rota do Chá, localizada em Registro, no Vale do Ribeira, é uma manifestação do rico patrimônio da imigração japonesa no Brasil representando uma experiência única de turismo rural e cultural na região. Promovida anualmente desde 2016, pensada e organizada para compartilhar todo o valor do chá brasileiro.

O Brasil, além de ser o primeiro país no Ocidente a cultivar chá, tem com a cidade de Registro o título de "Capital do Chá" sendo a Rota do Chá um instrumento relevante em contar e preservar a história dessa tradição única. A Rota consiste em visitas guiadas pelas especialistas em chá, Yuri Hayashi e Renata Acácia, em visitas aos sítios produtores e foi idealizada pela Escola de Chá Embahú, com apoio de Infusorina (Escola de Chá Embahú, 2016).

Figura 28 - Visitantes no Sítio Shimada na 4ª Edição da Rota do Chá (2019)

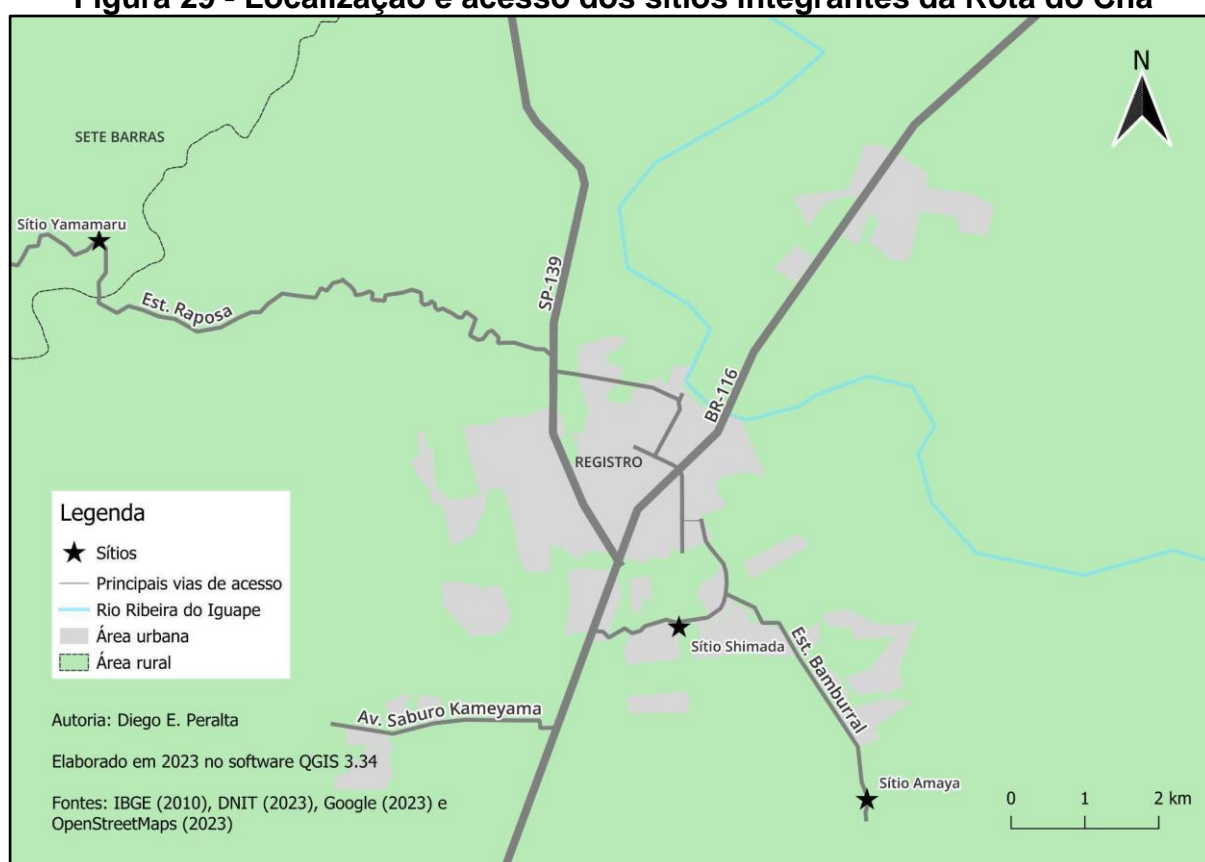


Fonte: Escola de Chá Embahú (2019).

A Rota do Chá aqui apresentada é composta por três sítios produtores de chá: além do Sítio Shimada, também conhecido como o Sítio da *Obaatian*, integram a Rota do Chá o Sítio Amaya, único com produção em escala industrial da planta, e o Sítio Yamamaru, conhecido por sua abordagem agroflorestal.

Tomando como ponto de referência o centro histórico de Registro, o atrativo mais próximo da Rota é o Sítio Shimada, distante 4,5 km da Praça Beira Rio, local onde é realizado o Festival *Tooro Nagashi*. Localizado em uma região periurbana, isto é, nos limites da urbanização da cidade, o Sítio Shimada é facilmente acessado pela Avenida Haguemo Matsuzawa e em seguida pela Avenida Deputado Ulisses Guimarães. O acesso também pode ser feito pela BR-116, sentido São Paulo, na altura do km 447, seguindo cerca de 1,4 km pela Avenida Deputado Ulisses Guimarães.

Figura 29 - Localização e acesso dos sítios integrantes da Rota do Chá



Fonte: Peralta (2023).

Como dito acima, além da família Shimada, a Rota do Chá estabeleceu parcerias com outras famílias produtoras locais, como a Fazenda Amaya Chás e a família Yamamaru (Escola de Chá Embahú, 2016). Essas parcerias são estratégicas para fortalecer o turismo rural na região, pois permitem aos visitantes uma experiência completa que vai desde a plantação e colheita do chá até o seu processamento final e degustação.

O segundo atrativo mais próximo ao centro histórico de Registro é o Sítio Amaya, localizado nas imediações do bairro do Bamburral. O trajeto de cerca de 7,5 km segue pelas Avenidas Haguemo Matsuzawa e Deputado Ulisses Guimarães até a Estrada do Bamburral, asfaltada na maior parte de sua extensão. O acesso pela BR-116 pode ser feito no trevo localizado no km 450, sentido São Paulo, seguindo 6 km por uma estrada vicinal de terra até o bairro do Bamburral.

A produção de chá da família Amaya teve início na década de 1930. Atualmente, a empresa sob os cuidados da terceira geração familiar produz chás preto, verde e *oolong*⁴, com um processo mais industrializado do que os outros sítios, porém mantendo inteiramente preservada a Mata Atlântica nativa em 60% da propriedade, o que equivale a 400 hectares (Chás Amaya, 2023).

Já o Sítio Yamamaru fica localizado na divisa entre os municípios de Registro e Sete Barras, em um bairro rural conhecido como Raposa. O trajeto de 11 km a partir do centro histórico passa pela Estrada da Raposa, Estrada Antiga da Colonização Japonesa e Estrada do Ribeirão, também conhecida como Estrada Antiga para Sete Barras, todas elas de terra. Após o encontro com a Rodovia SP-139, segue-se pela Avenida Joaquim Marques Alves até a Praça Beira Rio. É, sem sombra de dúvidas o caminho mais preservado ambientalmente dos três atrativos, mantendo boa parte da vegetação de Mata Atlântica.

O chá produzido no Sítio Yamamaru é conhecido como “Chá Agroflorestal”, pois, é o resultado de um esforço para resgatar um chazal que permaneceu abandonado por 28 anos. Os arbustos de *Camellia sinensis* que já haviam se transformado em árvores, foram gradualmente podados para que voltassem a ser produtivos, mantendo-se algumas das espécies nativas que cresceram entre as fileiras do chazal. Dada essa particularidade, pode-se dizer que esse cultivo ocorre em um sistema de agricultura sintrópica, permitindo que o chá se desenvolva em um ecossistema exuberante e biodiverso (Registro..., 2023). Lá, os visitantes têm a oportunidade de conhecer o processo de cultivo e colheita, compreendendo a

⁴ *Oolong* é um chá chinês tradicional, situado entre o chá verde e o chá preto em termos de oxidação.

importância do manejo agroflorestal na preservação ambiental e na produção de chá de alta qualidade (Registro..., 2023).

Figura 30 - Colheita no chazal do Sítio Yamamura



Fonte Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 31 - Kaito e Hisa, filhos de Samira Shimada (netos da *Obaatian*), na 4ª Edição da Rota do Chá (2019)



Fonte: Escola de Chá Embahú (2019).

O turismo rural opera de modo relevante no desenvolvimento regional do Vale do Ribeira. Ao conectar os visitantes com as famílias produtoras locais, o turismo promove o comércio local e fortalece a economia da região. Além disso, incentiva a preservação das tradições culturais e práticas agrícolas, garantindo que esses conhecimentos sejam transmitidos às gerações futuras.

A importância do turismo rural na região do Vale do Ribeira, especialmente em Registro, é ainda mais acentuada por sua conexão com a imigração japonesa. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realizou o tombamento de 14 Bens Culturais da Imigração Japonesa no Vale do Ribeira em 2010, sendo 13 Bens Materiais e 1 Patrimônio Paisagístico, todos localizados em Registro, com exceção de um em Iguape (item 6), o que serviu de base para a criação do roteiro da Rota do Chá.

São eles (IPHAN, 2010):

1. Sede da Kaigai Kabushiki Kaisha – KKKK;
2. Fábrica de Chá Shimabukuro;
3. Fábrica de Chá Amaya;
4. Fábrica de Chá Kawagiri;
5. Fábrica de Chá e Residência Shimizu;
6. Engenho, Sede Social e Residência Colônia Katsura (Iguape);
7. Residência Fukasawa;
8. Residência Gozo Okiyama;
9. Residência Sra. Susu Okiyama;
10. Residência Família Hokugawa;
11. Residência Família Amaya;
12. Igreja Episcopal Anglicana;
13. Igreja de São Francisco Xavier;
14. Primeiras Mudanças de Chá da Variedade Assam

Isso sublinha a importância de preservar e compartilhar essa herança cultural única, e o turismo rural preenche um papel central nesse esforço.

O Festival *Tooro Nagashi* em Registro (pioneiro no Brasil), é uma cerimônia tradicional japonesa em homenagem aos mortos na qual ocorre, em seu final, a soltura dos barquinhos no rio, os chamados *tooros*. Em cada *tooro* (que é confeccionado em madeira, bambu e papel) os familiares colocam o nome dos homenageados, escrito em português ou em japonês, e velas são acesas em seus interiores criando um espetáculo à parte na medida em que essas lanternas flutuantes percorrem as margens do Rio Ribeira de Iguape seguindo sua suave correnteza e sinuosidade. De certo modo, representando uma outra faceta da conexão entre a cultura japonesa, o turismo regional e o desenvolvimento local.

Este evento, realizado no Dia de Finados (2 de novembro), é um momento de encontro e compartilhamento da cultura japonesa na região (Registro..., 2023). O Festival não apenas homenageia os ancestrais, mas também serve como um importante ponto focal para a comunidade e um meio de compartilhar suas tradições com o público em geral (Bunkyo, 2021).

O Festival *Tooro Nagashi* é um dos principais e mais importantes eventos da cidade de Registro, atraindo cerca de 25 mil visitantes por noite, durante dois dias de evento. Sua relevância é tamanha que ele faz parte do calendário oficial de eventos do Estado de São Paulo (Registro..., 2023). Organizado pelo *Bunkyo*, o sucesso e a longevidade do Festival *Tooro Nagashi* são um testemunho da dedicação e do profundo compromisso da comunidade japonesa em Registro em manter viva sua cultura.

Figura 32 - Convite de divulgação do 65º Festival Tooro Nagashi



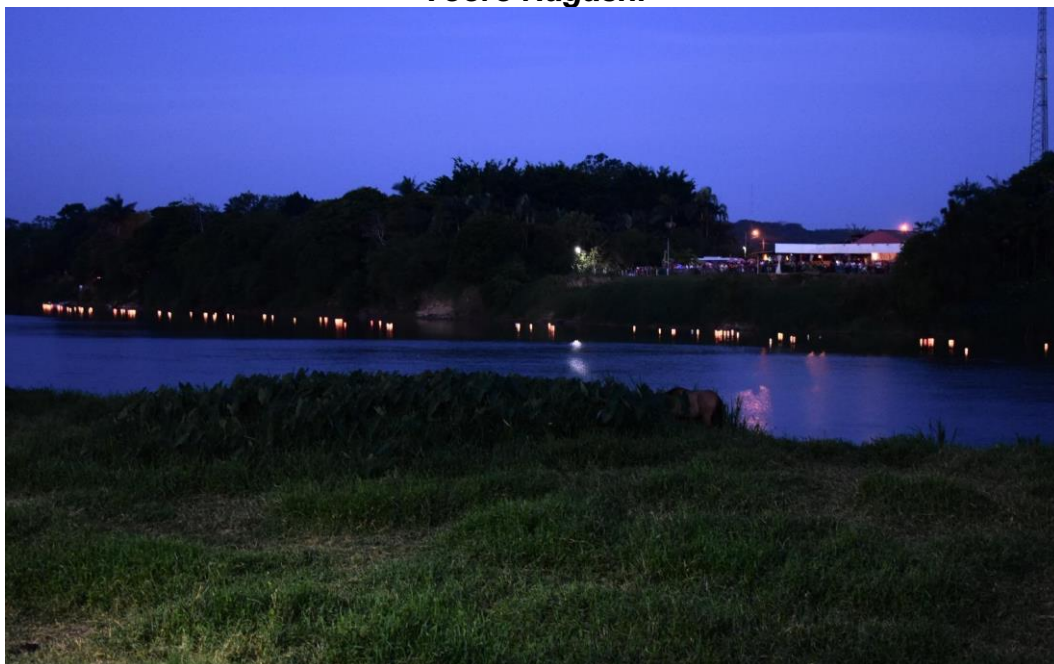
Fonte: Bunkyo Registro (2019).

Figura 33 - Inscrição do sobrenome da família da autora, para a lanterna, em visita ao Festival Tooro Nagashi



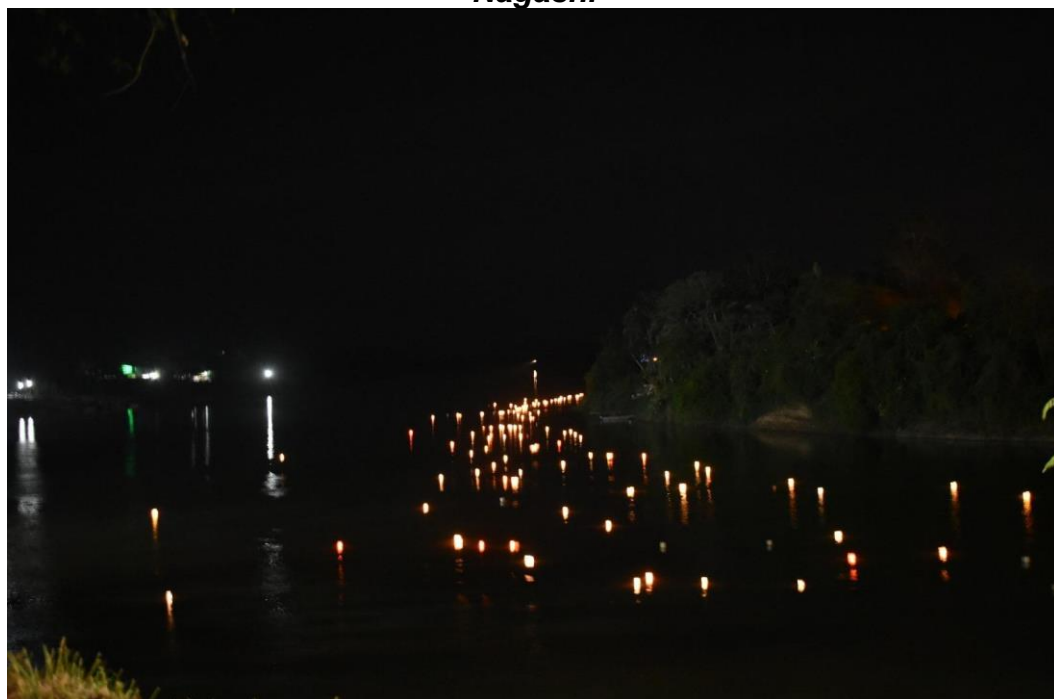
Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 34 - *Tooros* flutuando no Rio Ribeira de Iguape no Festival *Tooro Nagashi*



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 35 - *Tooros* flutuando no Rio Ribeira de Iguape no Festival *Tooro Nagashi*



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 36 - Estande do Sítio Shimada no Festival Tooro Nagashi



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 37 - Estande do Sítio Shimada no Festival Tooro Nagashi



Fonte: Acervo da autora (2019).

Durante seu período de atuação, o KKKK desempenhou um papel fundamental na organização da comunidade de imigrantes japoneses em bairros distintos, onde cada um formou sua própria associação, conhecidas como *nihonjinkai*. Posteriormente, essas associações uniram-se para criar o *Bunkakyokai* (Associação Cultural Japonesa), simplificando assim a administração. No entanto, no início da Segunda Guerra Mundial, por ordem do governo federal, toda a estrutura administrativa do *Bunkakyokai* foi desativada, resultando no fim da Associação Cultural Japonesa de Registro (Bunkyo Registro, 2019).

Após o término da guerra, em 1947, houve uma revitalização das associações de bairros e do *Bunkakyokai*, culminando na formação de uma nova entidade denominada Registro *Base Ball Club* (RBBC). Esta escolha de nome foi motivada pela desaprovação das autoridades policiais em relação ao *Bunkakyokai* (Bunkyo Registro, 2019).

No decorrer dos anos, as atividades culturais e sociais fortaleceram-se, e a assinatura do Convênio das Cidades-Irmãs entre Registro e Nakatsugawa em 1980 despertou um interesse renovado na revitalização do movimento do *Bunkakyokai*. Esse interesse resultou na formação de uma comissão comemorativa do 80º Ano da Colonização Japonesa em Registro, levando à oficialização do *Bunkakyokai* com personalidade jurídica em 1992. A partir desse momento, essa associação evoluiu progressivamente, culminando na construção de sua sede própria em 2003, marcando os 90 anos da colonização japonesa na região de Registro (Bunkyo Registro, 2019).

Enquanto isso, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (*Bunkyo*) foi fundada em 17 de dezembro de 1955, com o principal propósito de coordenar as celebrações do Cinquentenário da Imigração Japonesa no Brasil, ocorrido em 1958. A ideia de uma entidade centralizada surgiu em 1954, originada pela comissão organizadora do 4º Centenário da cidade de São Paulo, liderada por Kiyoshi Yamamoto (Bunkyo, 2021).

Essa comissão buscou restabelecer o intercâmbio com o governo japonês, resultando na construção do Pavilhão Japonês no Parque Ibirapuera em 1954. Posteriormente, decidiu-se manter a comissão para coordenar os 50 anos da

imigração japonesa em 1958, gerando assim a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, sediada na Avenida Liberdade. Outra organização, a Aliança Cultural Brasil-Japão, originou-se da dissolução da Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo e foi fundada em 17 de novembro de 1956, contando com a participação não apenas da comunidade *nikkei*, mas também da sociedade paulistana em geral (Bunkyo, 2021).

A consolidação da Rota do Chá em Registro, no Vale do Ribeira, juntamente com o renomado Festival *Tooro Nagashi*, representa não apenas uma experiência enraizada na cultura japonesa, mas também um elo essencial para a preservação e promoção do patrimônio histórico da imigração japonesa no Brasil e, em especial, para Registro. Além disso, o papel do *Bunkyo* também se destaca nesse cenário, visto que essa organização contribui significativamente para a manutenção dessas tradições, coordenando eventos culturais e preservando a representatividade da comunidade nipo-brasileira ao longo dos anos.

4.5 O Chazal, a família Shimada e o Turismo

A saga da família Shimada na revitalização da tradição do chá está profundamente inserida no cenário histórico e geográfico singular do Vale do Ribeira. Esta região, tendo Registro como principal município, se destaca por sua diversidade cultural, especialmente no contexto da imigração japonesa. A chegada desses imigrantes agregou um patrimônio cultural enriquecedor que se entrelaçou à história local, influenciando não apenas práticas agrícolas, mas também aspectos cotidianos da vida.

A preservação da memória oral e a valorização da história cumprem uma responsabilidade na compreensão da jornada da família Shimada. Originada com os Sugano, essa linhagem vivenciou mudanças econômicas significativas, adaptando-se às transformações do mercado até o desenvolvimento da produção do chá preto. O resgate do chazal transcende a mera perpetuação de uma tradição; constitui-se em uma conexão sólida entre o passado da imigração e o presente, sendo um legado que reflete a história e a cultura dos nipo-brasileiros.

A interseção entre o resgate do chazal e o turismo emerge como um ponto relevante para o desenvolvimento local. O turismo rural e de experiência surge como uma oportunidade promissora de fomento econômico, no qual a família Shimada ocupa um posto elevado, quiçá, central. A Rota do Chá se apresenta como um atrativo turístico autêntico, proporcionando aos visitantes uma imersão na cultura e nas tradições ancestrais da produção de chá e eventos como o Festival *Tooro Nagashi* no engajamento ativo do *Bunkyo* fortalecem a identidade cultural e impulsionam a vitalidade da região.

A dedicação, a persistência e o comprometimento da família Shimada com a cultura do chá se tornam um modelo inspirador para a construção de uma rota turística sólida e autêntica, não só para essa região como também um exemplo a ser seguido.

Esse trabalho ressalta a importância da relação entre tradição, turismo e desenvolvimento regional, enfatizando o papel fundamental do resgate do chá para o Turismo no Vale do Ribeira. O compromisso com a preservação cultural e a exploração consciente do potencial turístico emergem como elementos essenciais para a construção de uma identidade regional forte e sustentável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cerne dessa pesquisa reside na investigação sobre a preservação da tradição japonesa do chá e sua integração ao turismo local balizado no estabelecimento de uma ligação autêntica entre os visitantes e a cultura. Os resultados indicam que a preservação de uma identidade cultural - descendente da imigração japonesa por um lado e da assimilação de elementos da brasilidade por outro - ocupa um patamar significativo ao articular essa tradição com o turismo na cidade de Registro. Verificou-se ainda que a autenticidade da experiência proporcionada estabelece um elo entre os visitantes e a herança japonesa local, criando uma conexão relevante com a cultura do chá em solo brasileiro.

O propósito principal desse estudo se realiza ao evidenciar como o resgate da tradição do chá pela família Shimada influenciou positivamente o turismo em Registro. Essa tradição tornou-se um elemento turístico importante, oferecendo uma vivência genuína e contribuindo para a economia local, além de fortalecer os laços com a cultura mais geral da região levando-se em conta sua heterogeneidade. A relevância dos resultados reside também na compreensão de como a preservação da tradição do chá se comunica efetivamente com o turismo local, resultando na promoção de uma cultura de matriz nipônica com fortes influências brasileiras e na geração de benefícios econômicos para a comunidade como um todo. Esses resultados fornecem uma base para a implementação de estratégias contínuas voltadas à preservação e ao desenvolvimento do turismo na região, ao mesmo tempo mantendo viva essa rica herança.

A utilização de pesquisa bibliográfica, visitas técnicas, entrevistas e considerações práticas contribuiu para uma compreensão multifacetada do tema, proporcionando uma visão da interconexão entre a tradição do chá e o turismo. Embora os resultados tenham sido significativos, identificaram-se algumas limitações, incluindo a necessidade de uma abordagem mais ampla para capturar diversas perspectivas na comunidade e a importância de um estudo mais abrangente dos impactos a longo prazo da relação entre o chá e o turismo.

A continuidade desse estudo poderia ser enriquecida por uma análise mais aprofundada dos impactos sociais, culturais e econômicos de longo prazo dessa conexão. Aliás, a expansão do diálogo entre os diferentes atores envolvidos seria interessante para a elaboração e implementação de novas estratégias mais abrangentes e eficazes para a preservação e promoção contínua dessa rica tradição.

O turismo em Registro, certo modo, se beneficia de um passado marcado por histórias de luta e superação onde a tenacidade e perseverança de algumas famílias de imigrantes resistiu às transformações do modo de vida e não sucumbiu unilateralmente aos ditames da modernidade, ainda que uma modernidade periférica. Isto posto, vale ressaltar que essa é uma via de mão dupla, pois a “cultura do chá” também se beneficiou dessa quase simbiose onde dois elementos aparentemente distintos se uniram para sobreviverem ao assédio de um pretenso cosmopolitismo regional, ou seja, o chá se revigora como elemento central de uma herança cultural na proporção direta em que cativa paladares e corações de pessoas não pertencentes à retórica de sua ancestralidade (turistas muitas vezes sem nenhum laço genético com a origem asiática de um povo e de uma tradição se conectam com esse passado dinástico por puro afetivo e admiração). Não que essas pessoas não tenham suas próprias heranças culturais e cosmologias, ao contrário, o que ocorre é uma espécie de troca cultural onde todos se beneficiam. Seria o equivalente a se afirmar que a tradição japonesa do chá, no Brasil, adquire contornos e especificidades próprias ultrapassando barreiras por vezes linguísticas e, inclusive, regionalistas.

Desta feita, falamos de um turismo onde o “produto consumido pelo turista” por assim se dizer, não é apenas uma xícara de chá sendo sorvida diante de uma paisagem idílica, é mais que isso, é um pouco do que na antropologia se chama de “se colocar no lugar do outro” de modo a sentir um pouco do que o outro sente em relação a experiência vivida, seja no passado, no presente ou mesmo para o futuro já que não são raros os casos em que uma visita despretensiosa ao Sítio dos Shimada, por exemplo, acaba se convertendo em um elo de amizade duradouro que leva muitos turistas a voltarem todos os anos.

Diante do exposto, conclui-se que o chá exerce um papel de suma importância na interseção entre a preservação cultural e o desenvolvimento do turismo na cidade

de Registro, sobretudo, a partir da atuação da família Shimada na pessoa de sua matriarca. A continuidade desses estudos e a implementação de estratégias baseadas nos achados desse trabalho são um meio para, também, garantir a preservação de uma história até então quase que exclusivamente passada de geração em geração a partir da oralidade, da contação de histórias dos mais velhos para os mais jovens no seio exclusivo da vida familiar. Abrindo-se para o mundo afora, para além das cercas do sítio, essa memória de uma vida quase inteiramente dedicada ao chá se torna partícipe das vidas de outras pessoas, muitas delas sem nenhuma conexão pregressa com a cultura dos descendentes da imigração japonesa na região do Vale do Ribeira, que se dá também através do turismo. Uma vez registrado e sob a guarda da Academia esses saberes, essas histórias, estarão de algum modo resguardados e preservados.

REFERÊNCIAS

- ACÁCIA, Renata. **Placa em frente ao jardim das primeiras mudas de chá**. 2019. 1 fotografia.
- ALBERTI, Verena. A história oral e sua contribuição para a história do tempo presente. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 197-226.
- ALESP. **Edificação do Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK)**. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=457460>. Acesso em : 6 dez. 2023.
- ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário (Orgs.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000. Disponível em: <https://www.jmcprl.net/PUBLICACIONES/F13/TurismoRuralBrasil.pdf>. Acesso em: 8 set. 2023.
- ARAÚJO, Wilson Alves de. **Turismo, Desenvolvimento Local & Meio Ambiente: Aglomeração Produtiva & Indicadores de Sustentabilidade**. Curitiba: Editora Appris, 2020.
- ASHTON, Mary Sandra Guerra; TOMAZZONI, Edegar Luis; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. Turismo em cidades criativas e validação de novos destinos turísticos competitivos. **XI SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**, v. 11, 2014.
- BEDIM, Bruno Pereira; PAULA, Heber Eustáquio de. Relatos Visitados: História Oral e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade - Considerações Teórico-Metodológicas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/174. Acesso em: 5 dez. 2023.
- BENI, Mário Carlos. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2001.
- BRASIL. **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável território Vale do Ribeira (SP)**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2010.
- BRASIL. **Turismo rural: Orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Editora T.A. Queiroz, 1979.
- BUNKYO. **Instituto Brasil-Japão de Integração Cultural e Social**. 2023. Disponível em: <http://www.bunkyo.org.br/>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BUNKYO REGISTRO. **Instituto Brasil-Japão de Integração Cultural e Social de Registro**. 2019. Disponível em: <https://www.bunkyoregistro.org.br/>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- CENTRO SUPLETIVO DE REGISTRO. Registro, Retratos e Memórias. In: **Edição Comemorativa do Centenário da Imigração Japonesa**. Jornal Regional de Registro, 2008.
- CHÁS AMAYA. **Chás Amaya**. 2023. Disponível em: <https://chasamaya.com.br/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CORREIA, Cynthia Cândida; MARIANI, Milton Pasquotto Augusto. A importância da atividade do turismo no espaço rural para o desenvolvimento regional e local. **Revista Científica da Ajes**, v. 2, n. 4, 2011. Disponível em: <https://www.revista.ajes.edu.br/index.php/rca/article/view/43>. Acesso em: 29 nov. 2023.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo**. São Paulo: Editora Futura, 1998.

ESCOLA DE CHÁ EMBAHÚ. **Rota do Chá**. 2016. Disponível em: <http://www.escoladecha.com.br/rota-do-cha/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

ESCOLA DE CHÁ EMBAHÚ. **Visitantes no Sítio Shimada na 4ª Edição da Rota do Chá**. 2019. 1 fotografia.

ESCOLA DE CHÁ EMBAHÚ. **Kaito e Hisa, filhos de Samira Shimada (netos da Obaatian), na 4ª Edição da Rota do Chá**. 2019. 1 fotografia.

ESTEVES, M. C. O Sebrae-SP e o turismo rural no Estado de São Paulo. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL**, 3. Anais. Piracicaba: FEALQ, 2001. P. 99-106.

FERREIRA, Ana Beatriz Rodrigues; MOTA, Cláudia Rejane Pinho da. **Turismo Rural: A Experiência do Turista na Atividade Agrícola**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

FREIRE, Carla; MADI, Maria Beatriz de Azevedo. **Turismo Rural no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Dicionário Básico Japonês-Português**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989.

GAMA, Sandryele de Oliveira da; PUGEN, Bianca; SARAIVA, Ana Lúcia Olegário; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Contribuições da história oral para o turismo rural em Osório/RS/Brasil. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação**, v. 60, 2023. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f92bdcb45aa83a6a9ad06d1552907187/1>. Acesso em 5 dez. 2023.

GEBARA, Ademir. **O mercado de trabalho livre no Brasil (1871-1888)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GUIMARÃES, Roberto Pires; GUIMARÃES, Tatiana Teixeira. **Turismo Rural: Concepções e Dimensões**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IPHAN. **Bens Culturais da Imigração Japonesa no Vale do Ribeira**. São Paulo: IPHAN, 2010. Disponível em: https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/03/Bens_imigracao_japonesa_vale_do_ribeira.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.

LAGE, Beatriz Helena Gelas. **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável: tendências, desafios e oportunidades**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OKAKURA, Kakuzo. **O Livro do Chá**. São Paulo: Editora Hedra, 2012.

GAETA, Cecília; PANOSSO NETTO, Alexandre (Orgs.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

SHIMIZU, Rubens Takeshi (Coord.). **Álbum Comemorativo do Centenário da Colonização Japonesa no Vale do Ribeira**. São Paulo: Instituto Kunito Miyasaka, 2013.

SOLHA, K.T.; ELESBÃO, I.; SOUZA, M. de (Orgs.). **O turismo rural como estratégia de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SOLHA, Karina Toledo. O universo rural e a oferta da experiência de turismo rural no Brasil. **Rosa dos Ventos**, v. 11, n. 3, p. 615-633, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473561121007/473561121007.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, M.; ELESBÃO, I. O turismo no cenário rural contemporâneo. In: THOMAZ, R. C. C. et al (orgs). **Turismo, políticas e dinâmicas no espaço rural**. Campo Grande: Editora UFMS, 2013, p. 7-22.

PERALTA, Diego E. **Localização e acesso dos sítios integrantes da Rota do Chá**. São Paulo, 2023. 1 Mapa.

PERALTA, Diego E. **Localização e acesso ao Vale do Ribeira**. São Paulo, 2023. 1 Mapa.

PORTELLI, Alessandro. **Formas de fazer história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 1997.

RIBEIRO, J. Cadima; VAREIRO, Laurentina. **Turismo e desenvolvimento regional: o espaço rural como destino turístico**. 2007. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/6520/1/TURISMO%20E%20DESENVOLVIMENTO%20REGIONAL.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

REGISTRO - Capital do Chá. Registro.sp.gov, 2023. Disponível em: <http://www.registro.sp.gov.br/portal/turismo/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SANTOS, Alessandra Santos dos. **O turismo rural sob a perspectiva do novo rural: uma análise das políticas públicas para o setor nos estados brasileiros**. 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Turismo e da Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008. Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1327>. Acesso em: 8 set. 2023.

SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino (orgs.). **Teoria e Prática do Turismo no Espaço Rural**. São Paulo: Editora Manole, 2006.

SHIRATORI, Ivone; SHIRATORI, Shigeo. **Nossas Raízes**. São Paulo, 2006.

SILVA JR., Joaquim Alves da. Políticas de desenvolvimento territorial no Brasil: o caso do Vale do Ribeira (SP). **Revista de Administração Pública**, v. 50, n. 3, p. 513-527, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7612150613>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SIQUEIRA, Vanessa Biazioli. **Alameda de Pés de Lichia, caminho que leva ao Chazal do Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Chazal do Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Colheita no chazal do Sítio Shimada**. 2019. 3 fotografias.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Colheita no chazal do Sítio Yamamura**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Estande do Sítio Shimada no Festival *Tooro Nagashi***. 2019. 2 fotografias.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Forno/Estufa no processamento da *Camellia sinensis assamica* no Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Inscrição do sobrenome da família da autora, para a lanterna, em visita ao Festival *Tooro Nagashi***. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Loja do Sítio Shimada**. 2019. 3 fotografias.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Obaatian com Ivone Shiratori (sobrinha) com a máquina do tipo junenki, no Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Placa explicativa sobre o funcionamento do Forno/Estufa no Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Teresinha Shimada utilizando a máquina do tipo junenki, no Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Teresinha Shimada embalando o chá no Sítio Shimada**. 2019. 1 fotografia.

SIQUEIRA, Vanessa Biazoli. **Tooros flutuando no Rio Ribeira de Iguape no Festival *Tooro Nagashi***. 2019. 2 fotografias.

SÍTIO SHIMADA. **Fotografia de Elizabeth Umeko Shimada no chazal do Sítio Shimada**. [201-?]. 1 fotografia.

SÍTIO SHIMADA. **Teresinha Shimada na esteira de secagem da *Camellia sinensis assamica* no Sítio Shimada**. [201-?]. 1 fotografia.

SÍTIO SHIMADA. **Teresinha e Elizabeth no chazal da Família Shimada**. [201-?]. 1 fotografia.

SÍTIO SHIMADA. **Teresinha, Kaito, Samira, Hisa e Leo**. [201-?]. 1 fotografia.

SÍTIO SHIMADA. **Chá preto de tonalidade âmbar servido no Sítio Shimada**. [201-?]. 1 fotografia.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

TULIK, Olga. **Turismo Rural**. São Paulo: Editora Aleph. 2003.

ZIMMERMANN, Adônis. **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Florianópolis: Ed. do autor, 1996.